



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE UnB PLANALTINA - FUP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC**

**TEATRO DO OPRIMIDO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA:  
ESTUDO DE CASO SOBRE O COLETIVO ARTE E CULTURA EM  
MOVIMENTO.**

**FABIANA FRANCISCA DO ROSÁRIO**

**Planaltina – DF  
2013**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**FACULDADE UnB PLANALTINA - FUP**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC**

**TEATRO DO OPRIMIDO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA:  
ESTUDO DE CASO SOBRE O COLETIVO ARTE E CULTURA EM  
MOVIMENTO.**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo- LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de linguagens.

Orientador Prof. Dr.: Rafael Litvin Villas Bôas

**Planaltina – DF**

**2013**

## **Dedicatória**

Á Deus por tudo que tem proporcionado na minha vida.

Ao professor Dr. Rafael Litvin Villas Bôas, pela orientação do trabalho, pelo precioso aprendizado e compreensão.

A minha mãe pela dedicação e esforço realizado para comigo, a quem amo muito, pelo exemplo de vida.

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST que me possibilitou fazer este curso de Licenciatura em Educação do Campo. Pelo envolvimento na luta, em busca dessas conquistas.

Aos meus irmãos, João Carlos, Fábio e Leandro pelo carinho e amor. Dedico especialmente a minha irmã Simone Francisca, por ter superado a minha ausência durante as etapas do curso e pelo amor incondicional.

A meu pai João, pela torcida.

A minha avó, Evelina Francisca pelo apoio, carinho, incentivo. Mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar, sabe da importância disso e me passa suas experiências de vida.

A minha grande amiga, Geanne Nogueira, pelo carinho e mensagens animadoras.

A todos os docentes que fizeram parte da minha vida escolar nas séries iniciais, ensino fundamental e médio, contribuindo para que eu pudesse decodificar o mundo através da linguagem escrita. A esses docentes que contribuíram, dedico especialmente as professoras, Maria Edney Fernandes de Sousa, Zélia e Lília.

Ao grupo teatral Terra em Cena, Campus UnB- Planaltina-DF, de onde me ingressei no trabalho artístico que foi fundamental para formação do Coletivo Arte e Cultura em Movimento, juntamente com os meus colegas, Lucinete do Carmo, Antônia do Carmo, Simone Couto, Gideão Gomes, Priscila Gomes e Rosileide Rocha.

## AGRADECIMENTO

A Deus por tão grandiosas bênçãos na minha vida e de minha família. Por ter me proporcionado sabedoria, força e paciência para superar a distância das pessoas que amo e poder concluir esse meu grande sonho.

Ao professor Dr. Rafael Litvin Villas Bôas por aceitar o convite para orientação desse trabalho, por ser um exemplo de pessoa, de orientador, por estar fazendo parte da realização do meu sonho.

A todos os meus familiares, João Carlos, Fábio, Leandro, Simone, aos meus tios, Augusto e Afonsina, e especialmente a minha mãe, Ana Francisca, por tudo que tens feito por mim, por acreditar e fazer todo esforço para realização desse grande sonho que é tanto meu, quanto dela. A quem o amo tanto e nem encontrei palavras para dizer o quanto ela é especial para mim e agradecer por tudo. Só sei que posso continuar pedindo ao grande mestre, Jesus Cristo, para cuidar dela e a recompensá-la por todo o empenho realizado, tanto por mim, quanto pelos meus irmãos.

A todos os docentes e voluntários da LEdoC que contribuíram para minha formação acadêmica. Especialmente, a professora Mônica Castagna Molina, por aceitar tão grandiosa tarefa em coordenar a Licenciatura em Educação do Campo, também a docente Rosineide Magalhães de Souza por coordenar a turma Dandara de forma tão meiga e , ao docente Jair Reck, por coordenar a turma de forma tão instigadora.

Aos docentes, Felipe Canova Gonçalves e Elite Ávila Wolff por acompanharem o meu trabalho com tanto carinho e amizade.

Ao grupo teatral, Coletivo Arte e Cultura em Movimento, pelos dados coletados sobre suas experiências na forma política de fazer arte. Pelo carinho, amizade e pelo trabalho coletivo.

Aos pais dos integrantes do Coletivo Arte e Cultura em Movimento pelo carinho, amizade e confiança no nosso trabalho com seus filhos.

A todos os meus amigos e amigas da turma Dandara pelo carinho, amizade e a socialização de culturas. Especialmente agradeço as minhas amigas, Juliene Moreira, Eliane Alves e Keyla Morales pelos momentos de alegrias, tristezas que compartilhamos, por saber que poderia contar com a outra para tudo que fosse preciso, pelo esforço, incentivo para não desistirmos da nossa trajetória em busca desse sonho.

Aos meus amigos da turma Andréia Pereira, Gideão Gomes e Simone Couto por não medirem esforços para compartilharem suas experiências sobre o trabalho acadêmico e as contribuições no trabalho com o CACM. A Rosileide pelas mensagens animadoras.

A Lucinete do Carmo e Antônia do Carmo, da turma Panteras Negras, pelo trabalho coletivo no grupo teatral, apoio, incentivo e o compartilhamento na produção desse trabalho acadêmico.

A Nivaldo Bento da turma 5 da LEdoC, por ter contribuído com este trabalho e pela inserção no Coletivo Arte e Cultura em Movimento.

Ao Colégio Estadual Assentamento Virgilândia e Escola Municipal Santo Antônio das Palmeiras pelo apoio durante a minha inserção nas etapas do curso.

A Francismêr Luciana, Antônia Cardoso e Maria Aparecida por me possibilitar realizar os meus estágios, bem como trocarmos nossas experiências.

A todos os familiares do Assentamento Virgilândia, pelo carinho, amizade e confiança.

A meu amigo Alex José, pelo apoio na minha trajetória acadêmica.

A todos os meus irmãos da igreja de Virgilândia, pelas orações, incentivo e por terem realizado o meu trabalho religioso no período em que eu me encontrava em Tempo Universidade.

A todos os irmãos da Igreja Adventista do Sétimo Dia do bairro Vila Nossa Senhora de Fátima, em Planaltina-DF, pelo carinho, orações e amizades, que me fortaleceram durante as etapas de Tempo Universidade.

Aos meus sogros Gérson e Ivonice, pelo apoio, carinho e dedicação.

A meu namorado, Leandro Lima, pelo o amor, cuidado, e incentivo.

Ao Movimento de Luta pela Terra (MLT) representado na pessoa do presidente do Assentamento Virgilândia, Acinemar Costa, pelo convite para as apresentações que tem contribuído para continuação da formação política dos jovens do grupo teatral.

Agradeço a CAPES, pela Bolsa PIBID Diversidade que auxilia com recurso financeiro para iniciação da formação docente no campo.

Agradeço a todos que participaram direta e indiretamente desse trabalho.

Aos meus amigos da turma Dandara, Marcos Paulo e Lúdio pelas contribuições. Sou muito grata a eles pelas ajudas. Não mediram esforços.

Entrega o teu caminho ao  
Senhor, confia nele, e o  
mais ele fará.  
Salmos, 37:5

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é “pronunciar” o mundo, é modificá-lo. O mundo “pronunciado” por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação reflexão.

Paulo Freire

Todo teatro é necessariamente político,  
porque política são todas as atividades do

homem, e o teatro é uma delas. Os que  
pretendem separar o teatro da política,  
pretendem conduzir-nos ao erro, e esta é  
uma atitude política.

Augusto Boal

## **Lista de Abreviaturas**

Agitprop – Agitação e propaganda

APPAV – Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento Virgilândia

CACM- Coletivo Arte e Cultura em Movimento

CBB- Companhia Bioenergética Brasileira

CONTAG- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CEBEP – Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

DF –Distrito Federal

ECODATA

FETADEF – Federação dos Trabalhadores na Agricultura do DF e Entorno.

FETRAF – Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras da  
Agricultura Familiar

INFC – Instituto Novas Fronteiras da Cooperação

IFG – Instituto Federal do Goiás

PAD/DF-Plano de Assentamento Dirigido do DF

PIBID- Programa de Institucional de Bolsa de Iniciação á Docência

SINTRAF

STRF – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Formosa



## **RESUMO**

O presente trabalho tem o intuito de investigar o método Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, diretor e dramaturgo que lutou contra a ditadura militar na década de 1960. Foi analisado o grupo teatral Coletivo Arte e Cultura em Movimento, formado em 2010, por alunos do Assentamento Virgilândia, do ensino fundamental e médio, com objetivo de identificar, em que medida, o teatro político tem contribuído para a formação da consciência política dos jovens. Nesta investigação foi utilizado o método de pesquisa ação, entrevistas, questionários e a peça “Luta pela sobrevivência” foi tomada como objeto de análise, em razão de ser o resultado artístico do trabalho teatral do grupo.

Palavras – chave: Teatro do Oprimido, Consciência, Política, Movimento.

## **Abstract**

The present study aimed to investigate the of the method Oppressed Theatre, created by Augusto Boal, director and playwright who fought against the military dictatorship in the didatura de1960. The Theater group Collective Art Culture and in Motion, formed in 2010, by students of the Settlement Virgilância, Elementary Education Secondary was analyzed. Some live in Assentemeto, as Morrinhos and San Francisco, and also in the political theater has contributed to the formation of political consciouness of yong people. In this research the method of action research, interviews, questionnaires, reports, and the number” Struggle for Survial”, which was taken as the object of analysis because of being the artistic result of the work of the Group Theater was used.

Keywords: Theatre of the Oppressed,Consciousness, Politics, Motion.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 – TEATRO DO OPRIMIDO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA .....	13
CAPÍTULO 2 – COLETIVO ARTE E CULTURA EM MOVIMENTO	
2.1 Sobre o Projeto de Assentamento	
Virgilândia.....	27
2.2 O Processo de Formação do Coletivo Arte e Cultura em Movimento.....	
2.3 Trajetória do Coletivo Arte e Cultura em Movimento.....	31
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA PEÇA .....	42
3.1 Análise da peça “Luta pela Sobrevivência.....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	62
ANEXOS.....	64

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa “Teatro do OPRIMIDO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO POLÍTICA: ESTUDO DE CASO SOBRE O COLETIVO ARTE E CULTURA EM MOVIMENTO” teve a finalidade de entender como se forma a consciência política por meio do Teatro do Oprimido. O interesse por esta pesquisa se deu através das aulas de Teatro 1 e 2 no curso de Licenciatura em Educação do Campo, no campus da Faculdade UnB Planaltina ( FUP), da Universidade de Brasília, (UnB) ministrada pelo docente Rafael Litvin Villas Bôas.

Ao participar dessas aulas percebi a diferença do Teatro do Oprimido, criado pelo diretor e dramaturgo Augusto Boal, na década de 1960, para o teatro do gênero dramático, que trata os conflitos familiares em um núcleo fechado representando sempre o tempo presente dessas personagens, por meio do diálogo intersubjetivo como veículo da ação dramática. Nessas tramas fica evidente o dualismo dos personagens, herói/vilão. Além disso, a intenção principal dessas estruturas é o entretenimento, para fazer as pessoas sorrirem ou se emocionarem com os dramas da vida privada. Já o Teatro do Oprimido propõe uma metodologia que faz com que as pessoas desenvolvam uma compreensão crítica da realidade através de várias técnicas: Teatro Invisível, Teatro Imagem e Teatro Fórum, por exemplo.

A partir dessas aulas ingressei no grupo de teatro formado por alunos da Licenciatura em Educação do Campo das turmas 02, 03, 04 e 05 e também voluntários como a docente Rayssa Borges Aguiar do Grupo Terra em Cena, participando de encontros na FUP (Faculdade de Planaltina).

Depois dessa inserção no Terra em Cena formamos outro grupo, o Coletivo Arte e Cultura em Movimento, no Projeto de Assentamento Virgilândia, no município de Formosa GO. Esse coletivo é composto por alunos do Ensino Fundamental e médio e também por educandos da Licenciatura em Educação do Campo (turmas 02, 03, 04 e 05). Sendo composto por 24 integrantes.

Além disso, meu interesse pela expressão artística tem suas raízes na atuação em peças teatrais da igreja e do colégio. Ao olharmos para a juventude

camponesa do Assentamento Virgilândia, percebemos que o teatro pode ser considerado um grande aliado para o desenvolvimento da cultura local. Minha inserção no grupo Coletivo Arte e Cultura em Movimento, bem como os estágios 1, 2 e 3 me fizeram perceber como o colégio trabalha as disciplinas de artes cênicas de forma superficial, de modo geral tendo como foco central a construção de encenações para cumprir as datas comemorativas .

Optamos pela metodologia da pesquisa ação (inserção nos grupos e no colégio), pela análise dos relatórios dos integrantes, pelo uso das técnicas de entrevistas individuais, pela revisão bibliográfica, pela análise do texto teatral produzido pelo grupo e da montagem da peça “Luta pela Sobrevivência”, e pelo questionário coletivo, para verificar como se dá o processo de formação da consciência política dos educandos. Além disso, os dados coletados irão perpassar todo o trabalho.

## **CAPÍTULO 1 – O TEATRO DO OPRIMIDO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA**

O Teatro do Oprimido foi criado na década de 1960, pelo diretor e dramaturgo Augusto Boal, na época da ditadura militar. Para consolidar a criação da Poética do Oprimido ele teve a influência do pensamento brechtiano :Boal foi desenvolvendo as técnicas como Teatro-Jornal e Teatro-Fotonovela quando foi diretor artístico do Núcleo do Teatro de Arena em São Paulo, de 1956 até 1971; ele iniciou essas técnicas no mesmo ano da morte de Bertolt Brecht, em 1956. Boal declara que não conhecia muito bem Brecht, por isso “durante vários anos tínhamos uma influência violentíssima do Stanislavski. Fazíamos laboratório de manhã, de tarde e de noite e em todo o lugar.” ( João das Neves, p. 250).

Essas técnicas consistiam em transformar notícias de jornal ou de qualquer outro material não-dramático em cenas teatrais. Segundo Guarnieri, na década de 1960, autores, diretores e atores jovens objetivavam lutar com os problemas imensos, originados pela imaturidade, empecilho para uma acertada visão, uma consciente integração e análise da realidade brasileira.

Reprimido pela força da ditadura militar, Augusto Boal foi percebendo que o teatro precisava ir até as classes populares, para buscar os temas da vida do povo.

Para ele, a sistematização dessa metodologia, se deu a partir da experiência no período em que esteve exilado no Peru, em 1973. Lá começou a fazer teatro em um programa de Alfabetização Integral (ALFIN), esta alfabetização era baseada na pedagogia de Paulo Freire. Como ele trabalhava com teatro colocou essa expressão teatral para as classes oprimidas porque acreditava que qualquer pessoa poderia usar dessa expressão teatral, mesmo que não possuísse aptidões artísticas. “O domínio de uma nova linguagem oferece, a pessoa que a domina uma nova forma de conhecer a realidade, e de transmitir aos demais esse conhecimento” (BOAL, 1991,p.137). Além do Peru, Boal desenvolveu suas técnicas nos países da América Latina e Europa (Argentina, França, Alemanha, Estados Unidos) Para Boal, o teatro sendo considerado uma arma devia ser manejado pelo povo. O Teatro do Oprimido para ele era uma arma que todos os oprimidos deveriam usar contra as ideologias dominantes.

Para que todas as pessoas conseguissem se expressar, Boal criou jogos de aquecimentos e exercícios proporcionando a auto-reflexão e o desenvolvimento corporal. Esses jogos também contribuem para que as pessoas entendam situações cotidianas aparentemente normais e, ao ter esse entendimento, se expressarem corporalmente na quebra de opressão. Mas, segundo ele, o fator predominante de sua metodologia é a transformação do espectador passivo em sujeito transformador da ação dramática: “o teatro pode até não ser revolucionário em si, mas é um ensaio da revolução” (BOAL, 1991 p.164). Ele, formulou técnicas de fazer teatro, fazendo com que as pessoas não só assistissem ao espetáculo. Mas, sua ideia era ter atores até mesmo no meio do público, para que, sentissem parte do espetáculo dialogando com os atores e conseqüentemente entrarem em cena para ensaiar mudanças que poderia ocorrer na vida real.

Erwin Piscator (1893- 1966) e Brecht (Alemanha,1898- 1956) tiveram uma visão crítica sobre o papel que o teatro deveria assumir. Brecht empreendeu a tentativa mais radical de imprimir ao teatro um caráter educativo.

Tanto Bertolt Brecht e Boal (Brasil, 1931- 2009) são dois homens de teatro muito importantes para o teatro político. Vêem o teatro com uma função social. Cada um, a seu modo, influenciou e influencia ainda hoje o fazer teatral engajado. Boal também acredita no teatro como prática de libertação e transformação política, decorrendo daí a necessidade de se criar formas teatrais correspondentes, devendo provocar uma conscientização do espectador tanto na peça, como na vida real .

Em 1955, José Renato, impossibilitado de manter um elenco estável e permanente para todas as produções da Companhia de Teatro de Arena, estabelece um convênio com o Teatro Paulista do Estudante (TPE), que passa a integrar o elenco do Arena, conservando, a princípio, sua independência. Em 1956, Boal é contratado como o novo diretor do Arena. Em 1957, o Teatro de Arena encontra-se em grave crise financeira e decide encerrar suas atividades com a montagem de um texto nacional inédito, desejo que o TPE nutria desde antes de se juntar ao Arena.

Guarnieri, dramaturgo e ator do Arena, em 1957, escreve sua primeira peça denominada Eles Não Usam Black-tie. A peça foi estreada no dia 22 de fevereiro de 1958, permanecendo em cartaz por um ano, proporcionando recursos ao grupo, que não precisou mais encerrar as atividades teatrais. Também com essa peça o Arena adquiriu experiências sobre como fazer uma “literatura dramática nacional e também garantiu maior espaço para as criações artísticas brasileiras. Segundo Boal, o Arena buscava um teatro “de arte popular como arte que se alia ao povo na perspectiva de sua libertação. Buscava representar nas peças, os problemas da sociedade urbana e além disso, um” estilo próprio para a representação” (CAMPOS,1988, P.42).

Os espectadores que assistiam ao grupo, em 1959, eram na maioria de classe média. Segundo Campos, para transpor a dificuldade em que o Arena se encontrava, a solução foi buscar um novo público. E, para isso, era necessário fazer uma arte de ordem dialética popular. Isto é, destinada a classe trabalhadora, a classe oprimida, tendo um ideal político representado na linguagem acessível a essas populações marginalizadas. Segundo Campos, esse ideal de Boal e Guarnieri determinou a linha de espetáculos dessa fase.

Eles passam a refletir sobre fazer “bom teatro” para que e para quem o nacional torna-se um estágio para atingir o ideal de popular.

Campos analisa o Teatro do Arena em 1961, e conclui que o centro da crise foi a questão do público que levou um fracionamento do grupo. Ao participar de um congresso de dramaturgia no Rio de Janeiro, Oduvaldo Vianna Filho, Francisco de Assis, Flávio Migliaccio, Nelson Xavier, da equipe do Arena, discutiam as limitações do grupo, decidem ficar no Rio de Janeiro, para continuar os trabalhos com as classes populares. Daí surge o Centro Popular de Cultura, o CPC da UNE. Essa decisão foi tomada pelo fato do público que acompanhava o Arena ainda ser da classe média e deles, com grupo, não terem atingido os oprimidos. De acordo com Campos, na peça de Augusto Boal, “Revolução na América do Sul”, num primeiro momento a dimensão da cultura popular assume a dramaturgia do Arena, tendo o povo como tema, buscando revelar as formas de vida, denunciando problemas sociais.: Uma forma de colocar esses temas diretamente políticos.

O CPC é um “órgão cultural da UNE, mas órgão autônomo, regido por estatutos próprios, com diretoria eleita em assembléia.” (GARCIA, 2004,P.104). Era um teatro que assumia formas de Agit Prop. No começo da formação trabalhavam apenas com o teatro. Posteriormente, formam vários outros setores como: “artes plásticas, literatura, tendo uma proximidade com os partidos políticos e até trabalhou com alfabetização de adultos “. Num período de quatro anos o CPC tem uma ampla produção com essas várias formas.

O CPC não se limitava em colocar o elenco apenas no palco. Criaram um elenco rotatório: peças curtas e esquetes produzidos em mutirão, em tempo mínimo, com os quais saíram as ruas para as apresentações [...] o teatro de rua do CPC aconteceu no melhor estilo agitprop” (CAMPOS,1988,p.104). Já no Arena, a fase da nacionalização dos clássicos, como coloca Campos, o grupo se propôs em reinterpretar os textos de dramaturgia de qualquer época e país em função do “aqui” e agora, do momento histórico presente, daquilo que se supunha serem os rumos políticos do Brasil no início da década de sessenta . Nessa reinterpretação,

“os textos originais sofreram adaptações que vão do acentuar-se algum aspecto á alteração definitiva de partes do texto. [...]. A



reinterpretação é profunda, beirando às vezes, uma reelaboração da peça” (CAMPOS,1988, p.56).

Para Campos, essa reinterpretação não foi o melhor auge do Arena : para ela houve deturpação, um declínio do grupo, havendo diferenças da fase precursora das atividades. Com isso coloca em prática a “tendência ao teatralismo , á deformação expressiva do real ,particularmente pelo humor “.Diante disso, segundo Boal, a atividade do Arena formou público.

O grupo se tornou referência e influenciou diversas companhias de teatro (CAMPOS, 1988,p.58-61). Em 1962, o Arena sofre mudanças no repertório e na formação do grupo. A nova Sociedade de Teatro de Arena passa a ser composta por Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri, Juca de Oliveira, Paulo José e Flávio Império. Esse repertório recorre ao popular de qualquer época.

Porém, Vianna com o Arena buscava falar de temas das classes populares, mas segundo Garcia, por eles não terem contato com pessoas de idéias revolucionárias, o grupo não conseguiu uma arte mobilizadora, apenas criou um teatro “inconformado“ com as contradições, como política de expansão e domínio territorial, domínio imperialista americano, econômico e social. Os intelectuais tentavam colocar essas contradições em suas obras para contrapor as inconformidades com essa política.

Compreendendo a urgência de reforma que divergissem dessas ideias de todo tipo de domínio cultural, político, o Arena, segundo Campos, “não se podia mais ficar à espera da ampliação de platéias que, segundo Boal, propiciava o advento de um teatro popular. Era preciso acelerar o processo, irem busca dessas platéias, encontrar imediatamente um teatro popular.

De acordo com Gullar, o CPC colocava

o problema do distanciamento da arte do povo, e se propunham competir com os meios de comunicação de massa buscando formas de comunicação populares e indo com suas obras aos sindicatos às favelas, às vilas operárias, às usinas de açúcar, às faculdades (GULLAR,1969, p.22).

O CPC buscou ir até as pessoas para fazer arte. Nesse sentido, o CPC, de acordo com Garcia, foi “uma tentativa de resposta à insatisfação com os limites

do Teatro Arena e sua proposta de um teatro popular comprometido. “Significava a possibilidade de radicalização de uma experiência que necessariamente teria que se dar fora da estrutura acanhada de um grupo de teatro atrelado às dificuldades do dia-a-dia, mas sim, no contato com as instituições e organizações populares que pudessem amplificar-lhe a voz.”(CAMPOS, 1988, p.107).

Mas, enquanto o novo regime procurou deliberadamente “despolitizar” o país liquidando as lideranças políticas, os partidos e pondo o Congresso sob controle, o teatro, o cinema, a música popular, a poesia e até mesmo a pintura assumiram o papel de repolitizá-lo e já agora em termos muito mais amplos. Os intelectuais se colocavam na missão de contrapor essa forma de dominação imperialista. Mesmo diante da repressão, não se negaram a dizerem a que vieram. Com isso, vários grupos se formaram.

O caminho aberto pelo CPCs foi interrompido, mas os seus integrantes, obrigados a retornar a produção de arte para o público comercial, trouxeram consigo uma rica experiência que veio incentivar e incorporar-se as manifestações artísticas posteriores a 1964. (GULLAR,1969,p.22).

Boal, com a experiência do Arena e movido para não se calar diante do processo político, buscava formas para lutar contra as repressões. Nesse período, houve um grande número de pessoas se interessando por políticas. Com isso, Boal estava convencido de que a “arte deveria integrar-se nessa luta e contribuir para a consumação de seus objetivos”. (GULLAR, 1969, p.22)

Precisavam criar uma forma de arte que falasse dos problemas nacionais. Expondo os conflitos, as contradições e ideologias dominantes. No entanto, a arte que até então tinham criado precisava de uma superação estética para ter seu efeito dialético. Criando essa nova forma, a arte se colocaria contra o imperialismo internacional que predominava no Brasil, desde a colonização, deixando o país com as marcas do atraso econômico e país subdesenvolvido.

De acordo com Gullar, só de perceber a complexidade dos problemas do Brasil já era suficiente. Para tentar uma forma única de arte para colocar todos os problemas que não são estáticos, “só pode ser um trabalho incessante, permanentemente aberto, jamais conclusivo, que exige tanto de objetividade e

antidogmatismo, quanto de liberdade, paixão e inventividade” (GULLAR, 1969, p.96).

Ainda no Arena, Boal cria uma peça por nome “Arena Conta Zumbi”. Era poética e musical onde retratava a luta do maior Quilombo do mundo, Palmares. Ela teve sua estréia em maio de 1965. De acordo com Campos, essa montagem foi a primeira em tentar contrapor os fatos da ditadura. Reagindo contra a força obscurantista causada pela repressão, que não ameaçava somente as atividades políticas, mas também toda uma cultura ativa que se concebera nos anos anteriores.

Para lutar contra a ditadura militar, Boal criou a poética do Teatro do Oprimido, em 1971, baseado nas táticas que foram usadas pelas brigadas de Agitprop na Rússia, Alemanha e França. Quando esteve exilado nos países da América Latina pode ampliar suas técnicas e colocar em prática também na Europa . A idéia dele era ampliar a expressão teatral de tal forma que fosse acessível a todas as pessoas. Com o ideal de que a “arte é uma arma, e sendo, o povo quem deveria manejá-la”. (BORGES, 2007, P.32).

As etapas do Teatro do Oprimido são jogos, “exercícios e técnicas teatrais que objetivam desenvolverem em todos os atores e não-atores a capacidade de se expressar a partir da linguagem teatral. Os exercícios propostos por Boal visam a auto-reflexão e ampliação das possibilidades corporais de expressão.

Suas técnicas teatrais possuem duas finalidades: auxiliar na percepção consciente de um fato do dia-a-dia, que para muitos parecem algo comum.

E a segunda finalidade: ao terem essa percepção podem ensaiar ações que possam auxiliar na quebra de opressões reveladas nesse processo. Esses jogos nas oficinas cumprem as funções de: promover uma interação entre os participantes, estabelecer o contato visual, poder comunicar em silêncio por meio do olhar, trabalho coletivo, desenvolver a memorização concentração e ampliação das possibilidades expressivas, permitindo a investigação de gestos e sons que normalmente não são feitos na vida cotidiana, criatividade, ampliar a percepção dos outros sentidos, além da visão, favorecendo a construção da confiança entre os participantes.

Além disso, proporciona aos integrantes da oficina, a Criação de imagens estáticas e poder analisar as opressões representadas através dos

corpos, expondo os pontos de vista sobre as imagens também esses jogos ajudam o ator e atriz a saber se posicionar no palco, marcar as cenas, ajudar a ter um raciocínio rápido capaz de criar e pensar sobre as características do personagem que esta representando e além dele, na vida real.

A Poética de Teatro do Oprimido compõe-se de sete formas de teatro, como discurso: Teatro-Jornal, Teatro invisível, Teatro-Fotonovela, Teatro-Mito, Teatro-Julgamento, A Quebra de Repressão e Teatro chamado de Rituais e Máscaras. Essas formas e outras técnicas de jogos e exercícios desenvolvidos por Boal que permitem, como propôs ele, transpor os meios para os oprimidos para que se tornem protagonistas da ação encenada e, na realidade haja libertação. No presente trabalho, apresentamos apenas três formas, o Teatro Imagem, sendo a terceira etapa do teatro como linguagem. Já o Teatro Invisível e o Teatro-Fórum fazem parte da quarta etapa.

O Teatro Imagem é aquele apresentado com os corpos dos participantes, retratando uma cena de opressão como, por exemplo, discriminação, racismo. Não aparece o discurso verbal. Pode ter cartazes, faixas que tem como objetivo a identificação das cenas de opressões representadas e estabelecer o diálogo entre as pessoas que observam as cenas.

Teatro Invisível, apresentação de uma cena de opressão do cotidiano em um local público, como shopping, rua. Os atores não declaram que se trata de teatro.

Entre os expectadores que viram as cenas, ficam espalhados alguns integrantes do grupo com o papel de instigar as pessoas a exporem suas opiniões sobre esse fato que talvez até já tenha presenciado uma cena semelhante mas não quiseram dialogar sobre o assunto.

E última forma abordada aqui, o Teatro -Fórum. De acordo com Boal, essa técnica consiste na quebra dos limites entre o palco e a platéia, entre os atores e o público, por meio da possibilidade dos expectadores entrarem em cena no lugar dos personagens oprimidos, dando suas opiniões por meio da ação desses personagens e sugerindo uma estratégia para resolução dos problemas de opressão enfrentadas no cotidiano.

Ao propor a quebra da barreira entre o palco e platéia, Boal procurou romper com o caráter meramente ilusório do teatro. Sua proposta busca a

construção de um teatro que possa divertir ao mesmo tempo em que ensina, que possa emocionar mas não alienar, que seja capaz de envolver uma comunidade na discussão de seus problemas de forma diferente das costumeiras assembléias, em que poucos participam e tem o direito de voz.

No Teatro Fórum todos podem participar, estar em cena e opinar, das crianças aos mais idosos, sem restrições.

Portanto, em última instância é uma proposta de democratização das relações sociais por meio do teatro "(GONÇALVES, 2003, p.62). A aproximação entre o palco e a platéia se dá através das cenas que identificam com as pessoas que assistem. Por exemplo, na assembléia do Fórum esse diálogo dos atores tem um caráter de referencia ao público de forma convidativa. Mas aproximação ocorre mais por causa de um personagem que se chama Curinga .

Ele tem o papel de ser mediador do diálogo após a apresentação, além de

aquecer o público com frases curtas, explicar a peça, apresentar o grupo, explicar as metodologias do Teatro Fórum. Já que a intenção de Boal era falar sobre as contradições sociais, e sobre tudo, lutar contra a ditadura militar e todos os tipos de opressão. Ao abordar esses temas nas peças, as pessoas podiam perceber, dialogar sobre as contradições e entrarem em cena ensaiando as possíveis soluções também na vida real.

O Curinga como instigador e mediador observa após a apresentação as pessoas interessadas a entrarem em cena. Ele precisa explicar para a platéia que ela pode ocupar o lugar dos personagens oprimidos. Só entram em cena nos lugares dos opressores se o público considerar que o ator opressor representou o personagem de forma amena ou equivocada.

Segundo Boal,

“a solução para um problema de opressão deve partir dos oprimidos e não dos opressores, pois como estão na situação cômoda daqueles que detém o poder. Eles não se modificariam de uma ora para outra”. (GONÇALVES, 2003, p.64)

A pessoa que entra no lugar dos oprimidos, se caracteriza com os mesmos dados (sexo, cor). Porque se adotar outras características mudara a opressão que estava sendo posta para o público discutir as estratégias. Além disso, as condições de propostas do ator-expectador não podem ser violentas, nem mágicas. Porque segundo Boal, "nesse caso passaria a valer a lei do mais forte, tornando-se secundária a argumentação e a postura da pessoa que entrar "(GONÇALVES, 2003,p.64).

O Curinga é responsável pela condução dos debates, ter perguntas que estimulem o debate e o confronto de idéias. Os problemas descritos nas peças são fatos conhecidos do público e isso gera uma identificação comum por objetivos coletivos. Com essas formas, Boal quebra "a quarta parede, barreira imaginária entre o palco e platéia, consequência de um estilo de atuação em que os atores agem como se não houvesse público." (BORGES, 2007, p.43).

Freire explica, em *Pedagogia da Esperança* (2005), que não basta um conhecimento mais crítico da realidade para transformá-la, que alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão ainda não liberta os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, os oprimidos dão o primeiro passo para superá-la. Só há superação de verdade desde que se envolvam na luta política. Para, superá-la. Para Freire, "a percepção dos fatos contraditórios é o primeiro passo para a libertação. Para haver totalmente precisa atuar sobre as contradições de uma forma "práxis da ação-reflexão e não o simples discurso" (BORGES, 2007,p.49).

Ainda segundo Freire,

se não há conscientização sem desvelamento da realidade objetiva, enquanto objeto de conhecimento dos sujeitos envolvidos em seu processo, tal desvelamento mesmo que dele decorra uma nova percepção da realidade desnudando-se, não bastaria ainda para autenticar a conscientização.[...] não pode parar na etapa do desvelamento da realidade. A sua autenticidade se dá quando a prática do desvelamento da realidade constitui uma unidade dinâmica e dialética com a prática da transformação da realidade.

Os oprimidos precisam entender os fatores ideológicos que mantêm a classe opressora sobre as outras. Descubrirem as "brechas" dessa estrutura

para intervir e modificar. Boal propõe as metodologias de percepções e discussões de fatos de uma sociedade coletiva. Com isso, vem afirmando ainda mais as idéias de Freire, de que ao estar envolvido nas lutas coletivamente acontece a conscientização e libertação. Porque para Boal "a consciência se constitui como consciência do mundo. Se cada consciência tivesse o seu mundo, as consciências se desencontrariam em mundos separados – seriam mônadas incomunicáveis.

Precisa haver coletividade para se ter uma libertação .

## **2.1 Sobre o Projeto de Assentamento Virgilândia**

O Assentamento Virgilândia surgiu no dia 28 de Dezembro de 1996, está localizado a 100 km do município de Formosa Goiás, se formou com diferentes grupos de acampados vindos de várias regiões. Duzentas e vinte e nove famílias presenciaram a desapropriação dessas áreas. O INCRA já havia destinado essas terras para a reforma agrária, porém na hora dos fazendeiros (João Moreira, Virgílio, Luiz Berruga, Miguel e a senhora Dinorá) saírem das fazendas, exigiram mais dinheiro do INCRA. Foi então que os movimentos sociais, como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Formosa (STRF), souberam do ocorrido e convocando vários grupos de associados e acampados para tomarem posses dessas terras surgindo o acampamento.

Ficamos acampados em barracas de lona durante 44 dias, com auxílio de cestas-básicas distribuídas pelo governo, a Verinha, representando o INCRA, o Joãozinho, representando o STRF de Formosa, e o apoio de vários órgãos como o INCRA e os movimentos sociais, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Formosa, FETADEF, FETRAF, SINTRAF, e Agencia Rural. Devido a tentativa de resistência dos fazendeiros em não deixarem as propriedades, o INCRA juntamente com um oficial de justiça expede uma ordem de despejo aos fazendeiros, levando a polícia para garantir a segurança dos acampados contra os capangas dos fazendeiros.

O despejo ocorreu de forma pacífica. Os fazendeiros desocuparam as áreas onde estavam, as sedes, assim os acampados saíram da região do Prain onde o dono era Luiz Berruga para irmos para o centro da região, que recebeu o nome de Miguel, por causa do dono que vivia nessa fazenda. Ficamos

acampados nas antigas sedes e mais uma vez o Sindicato Rural interferiu. Joãozito, presidente do STRF de Formosa nos relatou em uma reunião na sede do Miguel, para que não ficássemos acampados nas sedes. Porque se continuássemos, o INCRA não demarcaria nossas terras, mas poderíamos continuar assim até dois anos, então ele nos alertou que fizéssemos uma medida provisória, respeitando o direito dos outros em união o Sindicato nos defenderia nesse sonho de nos organizarmos para conseguir nosso pedaço de terra.

Para a realização desse sonho, escolheram os grupos para demarcarem os lotes, de 25 a 35 hectares. Esses grupos se espalharam pelas regiões dos antigos donos abrindo picadas no cerrado com foices, enxada e machado. Aproveitaram os recursos da região para fazer suas casas com palhas de coco palmeiras e palhas de catulé, as paredes de taipa e adobe.

O sonho estava se tornando realidade. Em 1998, veio o primeiro crédito Fomento uma verba destinada para compra de alimentos, ferramentas e sementes para o plantio comunitário. A partir daí deixamos de receber cestas-básicas e começamos a plantar milho, abóbora, arroz, mandioca em pequenas roças de tocos. Seis meses depois que fomos para nossas parcelas a região teve mudanças, as famílias produzindo juntas e ocupando as terras que antes não eram cultivadas pelos antigos donos. A vida não era fácil e para superar tínhamos que ser unidos, dividindo pescas, caças, abóboras e até mesmo um pouco de óleo entre quatro ou cinco famílias pois, tinham crianças pequenas para alimentar.

A demanda com os fazendeiros ainda não havia terminado. Eles queriam suas terras de volta, por isso o INCRA não poderia liberar recursos sem resolver a situação, sem nenhuma previsão de sair mais projetos muitas famílias abandonaram suas chácaras. Só com essa questão resolvida o INCRA veio fazer a topografia da área conferindo as medidas dos lotes e enumerando para poder sair recursos. O primeiro presidente do acampamento foi o senhor Geremias escolhido em chapa única; os outros foram escolhidos por eleição democrática.

O Assentamento é organizado por uma associação composta por um presidente, um secretário e um tesoureiro. A área do Assentamento é de 18 mil hectares, as chácaras são de 25 a 35 hectares. Em 1999 é que o senhor



Edilson, o segundo presidente consegue trazer a topografia autorizado pelo INCRA; o resultado topográfico é que o INCRA não aceitou a divisão dos lotes. Porém, não poderíamos aceitar essa aprovação do órgão para saber quem ia permanecer em suas parcelas porque dois anos se passaram e já tínhamos quintais produzindo algumas fruteiras, pastagens, cercas divisórias arrumadas e casas de alvenaria e com essa demarcação mapial os eixões iam se chocarem com as casas e se permitíssemos essa estrutura destruiria o que construímos com nossos esforços e sem ajuda.

Em Assembléia geral colocamos em ata que, a única topografia que aceitaríamos era que respeitassem nossas divisas como tínhamos feitos ao longo dos quase três anos e que apenas pequenos ajustes de marcas aceitaríamos serem feitos; que nenhum proprietário seria prejudicado na sua parcela. Então fizeram outro mapeamento com apenas ajustes mínimos e pequenos acordos entre um ou outro parceleiro, e finalmente o acampamento passou a ser legalizado se tornando Assentamento Virgilândia.

O nome do Assentamento foi decidido em homenagem ao antigo dono de toda a região, Virgílio. Originando o nome Virgilândia. Em 2002 as parcelas foram entregues aos parceleiros dando a todos o direito de receber projetos e financiamentos fornecidos pelo governo. As chácaras são de vinte e cinco e trinta hectares. Quanto melhor a terra, menor a chacara, e quanto pior a terra maior a extensão. Desde o início o processo organizativo foi através de Associação regida por Estatuto.

O senhor Geremias liderava o primeiro grupo de acampados, as quarenta e quatro famílias que estavam acampadas perto do quilombo na Fazenda da Conceição, ao vir para Virgilândia foi escolhido por eleição de chapa única como presidente e o único que no momento era a pessoa mais indicada e esclarecida que poderia nos representar.

Os demais presidentes ao longo da história foram escolhidos de forma democrática, por eleições com os assentados em eleições diretas, em apresentação de mais de uma chapa onde candidato têm o direito de votar. A votação acontece por meio de uma urna secreta de acordo com o Estatuto Vigente. Nesse percurso abrimos caminhos para facilitar nossa locomoção, ainda são precárias mas, facilitou os acessos no local, no entanto, precisa-se de recursos do município para melhorar as estradas e pontes. Praticamente

todas as chácaras possuem água encanada vindas de poços artesianos construídos na comunidade. Antigamente reuniam de cinco a seis famílias nos finais de semana para lavarem roupas nos rios e barragens da região, buscavam água longe em cisternas de vizinhos que ficava até três quilômetros de distância.

Em 2005 saiu o Projeto Luz para todos, colocando energia em todas as parcelas. O Assentamento foi construído sem o Plano de Desenvolvimento do Assentamento, o (PDA), ele regularia os espaços de preservação ambiental. Tempo depois que as famílias já haviam desmatado, derrubado alguns espaços até próximo dos rios, criaram a lei de preservação de trinta metros as margens dos rios e nascentes. As lideranças da comunidade são escolhidas através de eleição direta de acordo com as normas do Estatuto. A associação se reúne a cada dois meses para prestação de contas e para resolver problemas pendentes e urgentes.

Temos representantes no Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável que representa os projetos comunitários da comunidade, lavouras de arroz e milho. No Conselho Municipal de Educação temos Maria Ediney Fernandes de Sousa; a primeira professora da região. As diversidades culturais se divergem em evangélicos e católicos, preservam tradições como folia de Reis, do Divino Espírito Santo e festas de São João Batista, o padroeiro do Assentamento (festa junina), músicas gospel, forró, louvorção das igrejas evangélicas. A escola surgiu em 2002 com apenas quatro salas de aulas para alunos das primeiras séries do ensino fundamental, sendo administrada pelo Município. Os alunos do ensino fundamental e médio iam estudarem em Santa Rosa, a 16 quilômetros do Assentamento. Em 2003 funcionou as séries finais do ensino fundamental, e em 2004 passou a ter o ensino médio também. As series finais e o ensino médio são coordenados pela secretaria Estadual. As aulas são realizadas em três turnos, e as duas instituições funcionam no mesmo local. 400 alunos são atendidos em 10 salas de aulas. A escola Municipal e Estadual recebe alunos de outros acampamentos como Morrinhos e São Francisco.

## **CAPÍTULO 2 – COLETIVO ARTE E CULTURA EM MOVIMENTO**

### **2.2 A formação do Coletivo Arte e Cultura em Movimento**

O Coletivo de Teatro Arte e Cultura em Movimento é um grupo existente na comunidade do Assentamento Virgilândia (Município de Formosa-Go). É uma extensão do Coletivo Terra em Cena do Campus de Planaltina UnB/DF, sobre a responsabilidade dos alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da área de linguagens através da disciplina de Teatro e a orientação do educador Rafael Litvin Villas Bôas. O Coletivo Arte e Cultura em Movimento surgiu no chá Literário em junho de 2010, no colégio do Assentamento, com uma peça escrita pelos estudantes do Ensino Fundamental e Médio sobre a orientação da docente de Português Francismêr Luciana da Silva. A peça falava sobre a expansão canavieira, mas, com a forma de teatro burguês que tinha um final feliz. Ela foi escrita somente para a apresentação da escola e depois não houve organização de um grupo teatral.

Então, por meio da inserção no Terra em Cena, de Planaltina, juntamente com os meus colegas de curso, decidimos formar um grupo de extensão do Terra em Cena. Formamos com os estudantes que apresentaram no Chá Literário e outros que quisessem se integrar ao grupo; (Jucilene Moreira, Nikellen, Lucinete, Antônia, Jhenny, Micael, Felipe, Mércia, Raiane, Bruno, Ednatriz, Gideão, Wênia, Tamara, Caio César, Eduardo, Simone Couto, Priscila, Moisés), com essa formação readaptamos a peça com a metodologia do Teatro do Oprimido (Fórum), em que houve uma reflexão da realidade (expansão canavieira, seca, desmatamento, agrotóxicos, problemas de saúde).

Com essa nossa nova escrita as pessoas puderam assistir, perceber as contradições, entrarem em cena atuando como atores para proporem mudanças na realidade, por meio disso percebem aquilo que não é natural.

O processo de formação do grupo iniciou no Colégio Estadual Assentamento Virgilândia durante as aulas de língua portuguesa com a professora regente Francismêr Luciana da Silva e a colaboração dos estagiários da turma 02, Simone Couto, Rosileide Souza, Gideão Gomes e Priscila Gomes (do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, do Campus

FUP/ UnB em Planaltina-DF). Eles estavam inseridos na escola trabalhando nas aulas com o tema Cerrado no ano de 2010. No decorrer das aulas surgiu a proposta da docente para que os educandos produzissem uma peça retratando os conflitos da comunidade.

Antes do Chá Literário, com a ajuda dos estagiários, os educandos foram orientados sobre as técnicas de Teatro do Oprimido. As cenas foram pensadas a partir do problema da expansão canavieira que tem tomado conta das fazendas em torno do assentamento e causando grandes transtornos para os assentados como o uso de agrotóxicos, a retirada da água dos rios para irrigar as plantações fazendo com que os mesmos secassem e deixassem a comunidade sem água. A peça foi apresentada no Projeto de Chá Literário organizado pela escola no dia 21 de junho de 2010, com a presença do Coletivo Terra em Cena que apresentou a peça “Contra Quê? Contra Quem?”.

No entanto, a apresentação da peça do grupo tinha estrutura convencional, com cenas de final feliz e resolução do conflito, tratado de forma dramática. Após a apresentação, os docentes Rafael Villas Boas e Rayssa Aguiar orientaram os estagiários a continuar com o trabalho teatral com aqueles educandos e expandir as metodologias de Teatro do Oprimido. Realizaram três encontros na escola para explicar sobre as formas de Teatro Imagem, Teatro Invisível e Teatro Fórum. Nesses encontros compareceram poucos alunos devido o horário de aula, que os professores não liberavam para participar, e nesse processo, em meio a tantas dificuldades, poucos acreditavam nas possibilidades de surgir um grupo de teatro na comunidade, por meio da escola, e por algum tempo o processo do trabalho teatral foi se enfraquecendo.

Com o ingresso de mais pessoas da comunidade no curso de Licenciatura em Educação do Campo interessadas na área de linguagens, eu, da turma 03 através das aulas de teatro I e II ministradas pelo docente Rafael Villas Boas, juntamente com as educandas, Antônia do Carmo e Lucinete do Carmo da turma 04, através das aulas de (CEBEP) Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular, também ministradas pelo docente, se interessaram em participar do Coletivo Terra em Cena e dar continuidade ao

trabalho teatral na comunidade, como atividade de inserção e intervenção na escola e na comunidade.

No ano de 2011, retoma-se o trabalho de tentar realizar encontros com os alunos para falar sobre o interesse de formalizar um grupo na comunidade. Alguns se interessaram e, como não havia horários, a professora Francismêr novamente contribuiu cedendo suas aulas da disciplina de português para a realização dos encontros. Desde então, num processo de avaliação, percebemos que não era possível criar um grupo apenas da escola, mas sim da comunidade, e com a comunidade, levamos a proposta de nos encontrar em horários contrários do tempo de estudo dos alunos. Chegamos a essa conclusão pelo fato de entendermos que estávamos atrapalhando os horários das aulas da docente, outros docentes e familiares não acreditavam na formação do grupo, e também se o grupo fosse organizado pela direção escolar, certamente teria que cumprir as datas comemorativas da escola exclusivamente. Assim, não seria um grupo autônomo, político e livre para todas as pessoas da comunidade.

Mesmo com as dificuldades de se deslocar de suas casas e disponibilidades de tempo, foi possível realizar reuniões com os jovens em um antigo barracão, em que hoje funciona uma casa digital na comunidade. Nos reunimos para discutir a importância de formar um grupo na comunidade e qual seria o objetivo do grupo. Nesse espaço de discussão compartilhamos que o grupo tem como objetivo fortalecer a juventude camponesa, estimular a relação com a história de luta pela terra, cultura e os trabalhos dos sujeitos do campo. Fortalecendo a coletividade existente, além de conscientizar sobre a importância de uma educação sócio ambiental e cultural.

De início, o elenco reuniu pessoas de diversas localidades em torno do município de Formosa, incluindo o Distrito de Santa Rosa, Assentamento Virgilândia, Morrinhos e São Francisco. Nisso, houve a necessidade de definição do nome do grupo para criação do estatuto e formalizar como um coletivo. A decisão do nome se deu numa das reuniões com bastante discussão de qual seria o sentido do nome: Coletivo Arte e Cultura em Movimento, a definição do nome traz como referencial o movimento como a expectativa de movimentação do grupo em socializar os conflitos da comunidade que não são isolados apenas nessa localidade, mas abrangem

toda a região do Goiás e também do Brasil, na tentativa de fazer intervenções e tirar as pessoas do comodismo em que vivem devido o avanço do modo de produção capitalista que enfrentamos, que no campo significa a expansão do modelo do agronegócio.

Os primeiros trabalhos do grupo nos encontros que ocorriam quinzenalmente eram exercícios com jogos teatrais para atores e não atores, esclarecimentos sobre o Teatro do Oprimido, na perspectiva de Augusto Boal, escrever a peça e colocar o nome: Luta pela sobrevivência. A construção da peça teve início em sala de aula a partir dos debates entre a professora e os alunos. Logo foi reformulada com algumas características de teatro épico e com cenas que culminassem em teatro fórum.

Segundo um dos integrantes, Gideão Gomes, 29 anos, ao assistir a peça, as pessoas percebem os problemas de forma clara, por causa da metodologia e do audiovisual que se faz necessário no teatro, para que as pessoas tenham uma maior contextualização dos problemas colocados na oralidade.

Não tem como assistir a peça “Luta Pela Sobrevivência” do Coletivo Arte e Cultura em Movimento e não ser tocado com a situação em que vivemos. Pois além da linguagem teatral trabalha com a audiovisual, onde as pessoas vêem imagens da abrangência dos problemas da região. E também a peça mostra os problemas que envolvem preconceito contra mulher, poder de posse do latifúndio, agronegócio e a situação governamental da atualidade. E a prova disso tudo é o debate em Fórum após as apresentações, sentem tocados ao ponto de querer atuar.

### **2.3- Trajetória do Coletivo Arte e Cultura em Movimento**

Após a formação do grupo surgiu à oportunidade de apresentação novamente no Colégio Estadual do Virgilândia, em um projeto sobre consciência ambiental, ocorrido no dia 29 do mês de setembro de 2012, e como a peça aborda esses conflitos foi um grande passo para o grupo.

Antes da apresentação houve diversos ensaios, em um desses contamos com a presença da Adriana Fernandes, licenciada da LEdoC, na turma 2 e o docente do curso Rafael, que fez algumas observações em relação às cenas e a peça, fez algumas sugestões consideráveis e necessárias para o grupo. Decidimos nos encontrar para reescrevermos a peça no dia 07 de setembro, acrescentado as dicas e avaliações dos integrantes. Antes das explicações de Rafael sobre o Teatro Épico e Fórum, pensávamos que por tratar do problema do monocultivo no Assentamento, já seria uma peça de Teatro Fórum. Entendemos que precisa ter um conflito coletivo, uma opressão uso de figurinos e cenários que tenha significado no conflito narrado e que acima de tudo, essa opressão não tenha um final feliz, resolvido nas cenas. Por estarmos acostumados com o teatro de final feliz e decoreba, havíamos baseado nossa peça “Luta Pela Sobrevivencia” dessa forma. No dia da apresentação os integrantes do grupo estavam dispostos e fizeram uma ótima apresentação. Segundo as observações de Rafael, o grupo teve um salto de qualidade impressionante, tanto na escrita da peça, quanto no domínio de cena e do público. O conflito sobre o plantio de cana, os opressores e oprimidos foram facilmente identificados por causa do texto escrito que se tornou mais amplo, o cinismo dos atores e atrizes, o comprometimento em comparecer aos vários ensaios que antecederam a apresentação, a caracterização dos personagens com seus respectivos figurinos, composto de significados. O grupo estava muito a vontade em cena, conseguiram passar sobre os problemas como, arrendamento das fazendas para o plantio de cana para a produção de álcool, as queimadas, a associação que comanda o Assentamento, a enrolação do poder público. O secretário de educação e da agricultura estavam presentes no colégio, onde percebemos um certo

desconforto deles em verem algumas atitudes retratadas nas cenas. Dialogamos sobre os temas que tinham como objetivos tentar conscientizar a comunidade sobre os problemas do assentamento, buscar a coletividade de todas para solucionar os conflitos, fortalecer a juventude camponesa para a permanência no campo e buscar a valorização da cultura.

Diante disso, o grupo foi convidado a realizar uma apresentação em Planaltina, no Campus da FUP, no seminário Conexões II: Universidade, Movimentos Sociais e Reforma Agrária Popular, organizado pelo grupo de pesquisa Modos de Produção e Antagonismos Sociais. Foi um momento de desafio para os integrantes do grupo que aceitaram a proposta com muita coragem e determinação. Apresentaram com muita tranquilidade e firmeza no que estavam fazendo. Após essas duas grandes apresentações que foram um marco na história do grupo, iniciou-se um processo de trabalho intenso com as atividades teatrais, ganhando força e conquistando sua própria autonomia.

Atualmente, o grupo realiza apresentações em escolas, universidades, seminários, outras comunidades e eventos utilizando o teatro como um instrumento de intervenção nas comunidades, abordando temas conflitantes através da expressão artística com a proposta de Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, e ainda procura mobilizar a juventude para despertar o censo crítico social. O Coletivo têm cumprido o seu papel de mobilizar os jovens. Por exemplo, a Joyce Mylleny, 17 anos percebe as pessoas da comunidade, discutindo sobre políticas públicas.

1. [...]. As pessoas debatem sobre as lideranças do Assentamento, que deveriam fazer assim, ser assim. Os tratores que veio para cá é uma política pública. Um foi para São Francisco.

No dia 14 de agosto de 2012, nos encontramos na escola, em que iniciamos o nosso trabalho com os jogos e exercícios : andando pelo espaço, Homenagem a Magrite, floresta de sons. Fizemos a reflexão sobre os exercícios e também registramos por escrito a peça que foi apresentada no Chá Literário em 2010 pelos alunos do terceiro ano, do qual a maioria deles faz parte do CACM. Como educandas da LEdoC tínhamos produzido um banner como intervenção política para a disciplina de CEBEP e avaliamos que poderíamos utilizá-lo como parte do cenário como reforço de uma



intervenção política. Por se tratar de um banner com fotos dos canaviais de um fazendeiro, fotos da agricultura familiar e um texto explicativo abordando a apagamento da agricultura familiar por causa da expansão do agronegócio. Ele começou a ser usado como prova de debate em cena e também no Fórum com a comunidade.

Planejamos realizar um seminário nos Acampamentos Morrinhos e São Francisco em que socializaríamos os projetos do nosso curso, a busca da ligação da escola com a comunidade, bem como a apresentação da peça, para debate sobre os conflitos.

No dia da apresentação houve uma grande expectativa por parte dos atores e atrizes e também pelos pais que viram os seus filhos atuando pela primeira vez. Acreditamos que a apresentação tenha cumprido o efeito esperado; de conscientização das pessoas. Devido às mudanças feitas no texto, o empenho do elenco, saindo melhor do que no ensaio. Além disso, as famílias, os docentes demonstraram grande orgulho ao verem os jovens retratando as problemáticas do Assentamento e entorno. Houve debate sobre as mesmas, causando certo entendimento sobre os conflitos ambientais, culturais e ideológicos. O entrevistado Nivaldo Bento, 21 anos, percebe que por meio do nosso teatro político, podemos ajudar as pessoas:

[...] Dá para abrir os olhos das pessoas, para que eles podem lutar pelos seus direitos. Tenho vontade de estar ajudando, colaborando ao verem os jovens retratando as problemáticas do Assentamento e entorno.

A cena 3 da peça que se passa na prefeitura, chamou muito atenção da platéia por se tratar da ironia, do descaso do nossos representantes em solucionar os problemas. Além disso, gerou a intervenção política, causando certo desconforto sobre alguns políticos que ali estavam, devido o fato de não assumirem com esses discurso e vê-lo sendo explicitado. Para eles é preciso verbalizarem da mesma forma para esconder suas intenções como, enrolação, o cinismo, para fazer com que as pessoas não percebam essas contradições, e com isso, não tem como cobrar soluções dos seus representantes. Além disso, os políticos querem nos passar a idéia de que estão resolvendo os problemas por nós, e para isso não precisamos cobrar respostas.

Para Lucinete do Carmo, ver o Coletivo falando dos problemas, isso é um ponto positivo. Porém, conscientizar as pessoas é mais difícil, mas o Coletivo está tentando.

Eu faço parte do CACM desde quando se consolidou como grupo, e começou a atuar na região. O que consigo perceber é que em cada apresentação o grupo consegue atuar politicamente ao levantar os problemas e despertar nos espectadores a ação. Vejo isso como um ponto positivo na comunidade, mesmo sabendo que é uma tarefa difícil essa movimentação da consciência nas pessoas. As discussões políticas geradas nos debates não afetam somente os políticos em si, mas as pessoas que vivem os problemas e aos poucos vão se politizando de acordo com o envolvimento e grau de consciência que vão conseguindo levantar.

Nos dias 03 e 04, participamos do seminário Conexões 2 Entre Campo e Cidade, realizado na FUP/UnB. O grupo propôs fazer essa apresentação fora do seu território. Foram muito bem recebidos no seminário pelo grupo Terra em Cena da FUP. Apresentação foi muito boa, as pessoas presentes entraram no fórum. Contamos com a presença de Cecília Boal, a esposa do criador do Teatro do Oprimido, que deu dicas para o Coletivo Arte e Cultura em Movimento e também se mostrou encantada com um grupo tão jovem estar falando sobre os conflitos de forma tão bem colocada em cena. E além disso, ser um fruto do Terra em Cena que tem conseguido multiplicar o fazer teatral para vários grupos.

Dia 09 de dezembro de 2012, realizamos a segunda apresentação, no acampamento São Francisco. Nesse dia a comunidade estava reunida para receber alguns representantes como, o prefeito de Formosa, o secretário de agricultura e também o presidente do Assentamento Virgilândia. Nesse dia a comunidade recebeu um trator da prefeitura. Na peça houve um fórum bem rico, pois a comunidade além de entender os conflitos expostos na peça ficou ainda mais indignados com o cinismo do poder público. A entrevistada (Simone Couto), se acha como uma pessoa mais crítica. Que compreende as pessoas que ainda não são conscientes como ela.

Com certeza. Hoje sou uma pessoa mais crítica. Mais uma crítica que aprendi a ser mais tolerante com o jeito das pessoas serem. Entendo a convivência, as formas que elas estão submetidas, a negação das coisas; e quando os projetos vem para o Assentamento, são em quantidades mínimas que, quase não dá para desenvolver nada. E normalmente os recursos chegam atrasados, como adubo, sementes. Abriu muito a minha percepção. A forma de governo da sociedade é hierárquico. Só conhece uma pessoa quando damos poder a ela. Nesse modelo de sociedade, muitos não participam. E quando falam é a forma agressiva que encontram para expor os problemas que vivem, mas geralmente isso ocorre de forma individual.

E também as famílias do acampamento compreenderam a importância da juventude retratarem esses problemas. Principalmente os idosos verbalizaram com grande incentivo ao grupo teatral.

O Coletivo Arte e Cultura em Movimento no dia 21 de dezembro de 2012 apresentou a convite do presidente do Assentamento Virgilândia no IFG, de Formosa, sendo o primeiro encontro do Movimento de Luta pela Terra. Nesse encontro estavam presente líderes do movimento representando 12 estados brasileiros. Nesse dia não houve fórum após a apresentação, havendo um debate muito rico, onde esses representantes relacionam suas experiências políticas como, por exemplo, a dificuldade de articulação da comunidade na realização das ações. Um dos representantes do estado do Distrito Federal, fez uma homenagem ao grupo declamando um poema da literatura de cordel. O que deixou o Coletivo muito animado por estar no meio de lideranças, que para eles são exemplos na tentativa de articulação política e serem recebidos até mesmo com poema.

A entrevistada Lucinete, entende que através da peça, as pessoas entendem os problemas, que existem no nosso território, bem como no Brasil todo, nesse sistema de democracia representativa.

Através das peças as pessoas conseguem perceber que há problemas não só no nosso Assentamento como em todos os outros assentamentos da região e do Brasil, pois as realidades são idênticas quando se trata de Reforma Agrária. Isso vem sendo comprovado nos relatos de debates nos fóruns das apresentações principalmente nos encontros de movimentos sociais em que o grupo apresenta as peças. Os principais problemas identificados são: a corrupção das pessoas, o individualismo, a falta d'água, a dominação do grande produtor pelo pequeno, o crescimento do agronegócio que não ajuda o desenvolvimento dos pequenos produtores, o comodismo das pessoas, a espera da democracia representativa, etc.

No dia 17 de janeiro de 2013, nos encontramos novamente para fazermos uma avaliação por meio de protocolo oral e escrito, a trajetória do grupo em 2012, as expectativas para o ano de 2013, a importância das duas bolsas de ensino médio no valor de 250 reais oferecidas pela FUP, em que tem contribuído na locomoção do grupo para as apresentações. Também assistimos as filmagens das apresentações onde fizemos uma análise do processo do grupo. Onde concluímos que precisávamos de mais estudos sobre leis e políticas para nos Fóruns termos argumentos e passarmos conhecimentos ao público. Discutimos sobre a produção de uma camiseta para reconhecimento do grupo.

Outra preocupação discutida nesse dia foi a da criação de outra peça que retratasse o problema do transporte escolar. Que estava sendo um problema para os alunos virem para escola. Problemas dos ônibus estarem quebrando muito devido a falta de manutenção com equipamentos novos. Essa troca de equipamentos não ocorria devido o fato de alegar que as estradas não tinham sido arrumadas pela prefeitura e, então não compensava colocar novos porque logo poderia quebrar novamente. Realizamos também, a leitura dramática da peça, “Revolução na América do Sul”, de Augusto Boal. Com os objetivos dos integrantes conhecerem outras peças, principalmente de Boal, as formas do Teatro do Oprimido, com o qual trabalhamos. Além disso, fizemos aquecimentos de voz para melhor testar as falas dos personagens na peça e ajudar os integrantes do Coletivo a comporem os personagens através, do melhor desenvolvimento da fala, e também acompanhado da expressão corporal. As leituras dramáticas têm contribuído para ajudar os integrantes a desenvolverem várias expressões, terem ideias para criar outros personagens, fazer paródias de coro.

Dia 24 de janeiro, realizamos um novo encontro na escola em que gravamos alguns depoimentos do grupo para o documentário que conta a história do Assentamento, “O Antes do Agora”. Retrataram as melhorias na vida deles, as perspectivas futuras tanto profissional como coletiva para o Assentamento, falaram sobre como era a coletividade no início, como vêm agora, qual a importância de permanecerem no grupo teatral e também morando no Assentamento. Para os jovens, gostam de viverem nos Assentamento com seus familiares, a maioria são amigos desde a infância,

consideraram uma dificuldade, a falta de cursos e lazer. No entanto, a permanência no grupo pode ser um aliado em busca do lazer, cursos e um aliado a cultura camponesa.

Em março de 2013, escrevemos a nova peça, “O Transporte Escolar;” uma adaptação da peça “Luta pela Sobrevivência”. No dia 14 de março, a convite da docente Rayssa Aguiar Borges, o Coletivo Arte e Cultura em Movimento realizou três apresentações na escola, CE do PAD/DF em Planaltina, na semana camponesa. A primeira apresentação foi a noite, as 20h30min horas com a peça a “Luta pela Sobrevivência”. A maioria do público era composto por jovens, havendo uma grande expectativa pela apresentação do CACM

Antes da peça foi passado um vídeo com o objetivo de contextualizar o público sobre o território, bem como os conflitos que seriam retratados nas cenas. Porém, devido o fato do vídeo ser um pouco longo deixou o público meio disperso. Com tudo, ao começar peça, a jogada cênica dos atores, e a aproximação com o público realizando as cenas no meio das pessoas; um estilo de Agitação e Propaganda, em que convida para a participação direta dos expectadores, por meio da identificação das pessoas com os conflitos. Após a apresentação das cenas, várias pessoas entraram no fórum debatendo os problemas que são comuns no centro- oeste, como a expansão do agronegócio. A participação foi muito boa. Contamos com as contribuições de Rayssa, que fez aquecimentos com o público e nos ajudou nas intervenções no Fórum.

Já no dia 15, no período vespertino, a peça sobre o transporte escolar foi apresentada pela primeira vez. Como não houve tempo para o ensaio, decidimos apresentar somente algumas falas, os atores sabendo do que se tratava em cada cena foram dialogando um com outro.

O espetáculo teve o seu efeito esperado sobre as pessoas; dentre elas, professores que entraram no fórum ensaiando sobre as possíveis soluções às questões encenadas. As crianças também participaram espontaneamente, chamaram nossa atenção o depoimento de um garoto relatando sobre o transporte escolar que pegou fogo com eles dentro.

Tínhamos a idéia de que, os ônibus escolares usados na zona rural estavam em perfeitas condições de uso. Porém, no relato e debate com os alunos, percebemos que não estão muito diferentes dos que são utilizados na nossa escola. Com tudo, fica evidente que uma educação pública, de qualidade, tendo os recursos necessários não é prioridade em nosso país.

Nos dias 13 a 16 de agosto de 2013, o Coletivo Arte e Cultura em Movimento, bem como os outros grupos que são extensão do Coletivo Terra em Cena, participaram da Mostra Terra Em Cena e na Tela, Audiovisual e Teatro da Educação do Campo, realizada na FUP, ocorreram oficinas, teatro apresentados pelos grupos, exibição de documentários feitos em cada assentamento pelos educandos da LEdoC, apresentações culturais no último dia da Mostra, palestras sobre análise da linguagem audiovisual, com Felipe Canova, da Brigada de Audiovisual da Via Campesina, mini-curso sobre Práxis Cultural e estratégia política, com Juliana Bonassa (MST), Teatro de agitprop, com Agostinho e Rayssa, do Coletivo Terra em Cena e Brigada Semeadores do MST/DFE, papel do curinga no Teatro Fórum, com Cecília Boal, do Instituto Boal/ RJ.

Os integrantes do CACM se dividiram pelas oficinas, palestras e mini-cursos, para depois socializarmos as experiências. Compreendemos que os Coletivos de Teatro devem ter juntamente com o MST, estratégia política quebramos o conceito de que arte é para poucos. Segundo Nivaldo Bento, 21 anos, através do Coletivo têm ajudado ele a ser mais tolerante.

. Sempre fui. Mais aprendi a fazer críticas mais construtivas.  
Pensar mais no que ta falando Sim.

Entendemos também que a linguagem audio visual sempre esteve presente no objetivo do MST, no entanto, a classe dominante se apropriou de nossos meios, e agora quer nos dizer como se produz um vídeo. Se não tivermos cuidado, iremos reproduzir essas formas que querem nos impor. Precisamos criar nossos meios e técnicas para falar por nós mesmo das nossas experiências, e não deixar que falem por nós como temos assistido em alguns momentos.

Retratam na mídia que somos baderneiros. Somente para manchar nossa imagem, no entanto, querem que outros percam a credibilidade em nós,

nos tentam calar por meio, desses discursos que estamos provocando desordem. Com tudo, não vamos e não podemos calar perante tantas contradições, a negação dos nossos direitos e além do mais, segundo Paulo Freire, a libertação só é possível se a busca partir dos oprimidos.

Por isso, temos que buscar, estamos criando nossa arte, como no caso dessa Mostra em que foram apresentados vários documentários feito pelos educandos, registros que falam de nós mesmos, que representam a nossa classe, produzido de maneira coletiva. Temos que continuar registrando coisas do nosso povo, tendo formas e conteúdos contra-hegemônicos; que transformem o campo, que pense seu tempo histórico e político tendo uma práxis crítica.

Também foi de grande crescimento para o CACM, a participação na oficina de Cecília Boal sobre o papel do curinga, e também pelas dicas dadas ao grupo no dia 15, após a apresentação. Algumas pessoas do público, como Cecília Boal, criticaram a espontaneidade dos atores em cenas, e segundo ela, esse cômico fez com que se estendesse muito as cenas, perdendo o foco nos conflitos como a falta de água e a expansão do agronegócio. O Coletivo teatral não ficou magoado, pelo contrário, acharam de grande crescimento para o grupo que não somente aplausos esperam, mas também, críticas, dicas, para a cada dia irem crescendo nesse trabalho político de conscientização. Após essa oficina, dialogamos sobre o teatro que é construído também a cada apresentação em que as dicas também são acrescentadas ao nossos textos.

No dia 28 de agosto de 2013, participamos do VI Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, EBEM, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, (UFG) em Goiânia. Essa apresentação foi outro grande marco para o CACM, pois, se tratou da fase de nacionalização do grupo, ou seja, saíram um pouco mais do território regional. Até então, o grupo se apresenta frequentemente na Faculdade UnB Planaltina, fizeram apresentações em outros Assentamentos, em Formosa, Distrito Federal e entorno.

No EBEM, quando chegamos para o ensaio no teatro, ficamos um pouco ansiosos pensando que poderia ter poucas pessoas nos assistindo. Às 19:30, o docente Rafael deu continuidade as explicações do dia anterior para as pessoas que estavam participando do seminário sobre Teatro Político e

educação popular. Ele fez uma contextualização sobre o Teatro de Brecht até chegar ao Teatro do Oprimido. Em seguida, fui convidada por ele para apresentar o CACM para a platéia presente, tinham pessoas de vários estados como, Pernambuco, Goiás (Luziânia).

No decorrer da apresentação, o público compôs o teatro com mais de trezentas pessoas. Superando nossas expectativas. Além disso, as pessoas participaram ativamente no fórum, demonstrando um nível de consciência política sobre os problemas que estavam representando de forma muito gratificante para o CACM. Após o fórum, dialogamos com as pessoas sobre o nosso trabalho teatral, a trajetória, os nossos objetivos enquanto Coletivo e até mesmo os conflitos internos do Coletivo Arte e Cultura em Movimento.

Eu e o docente Rafael realizamos o papel de curinga. Que é fazer aquecimentos com o público antes do fórum, explicar as regras, mediar o debate com as pessoas, colocar perguntas que instiguem o público a participar. O debate foi com a platéia foi sobre a relação indivíduo- coletivo e sobre formas de poder, como democracia representativa e participativa.

Já nas intervenções cênicas, as soluções como o problema da professora Rosinha que vive no Assentamento e está mais preocupada em não perder o emprego do que com a falta de água. O público, solucionou esse problema, de forma individualista, quem entrou em cena, quis resolver as coisas sozinhos, acreditando na livre iniciativa das pessoas, perceberem esses conflitos também na vida real e se libertarem sozinhos, sem a mobilização de alguém que os instiguem a se envolverem na luta.

Além disso, houve também intervenções mais coletivas, como a busca de fortalecer a organização social. Algo necessário para continuar as lutas, já que, os movimentos têm se enfraquecido, devido os noticiários das mídias que os retratam como sendo baderneiros e, isso têm contribuído para muitas pessoas terem um certo receio dos movimentos sociais, o que causa o não envolvimento nas lutas, e com isso, tentam resolver os problemas de forma individual.

Dia 09 de setembro de 2013, fomos convidados pelo presidente do Assentamento Virgilândia, Acinemar Costa, para apresentarmos no Primeiro Congresso do MLT realizado em Formosa, no auditório Lorenzina Palombo. Participaram representantes de treze estados brasileiros, Ceará, Rondônia, Bahia, Rio de Janeiro, Sergipe, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul.



O congresso foi muito importante para os integrantes, porque tem contribuído com a continuidade da formação política. Os militantes fizeram uma contextualização histórica sobre as lutas no Brasil, por exemplo, as Ligas Camponesas; a luta pela agricultura familiar para ter sustentabilidade no campo, por políticas públicas para o campo, pensar propostas para acabar com o êxodo rural, tanto de jovens como de adultos, ou famílias inteiras.

Problemas que os Assentamentos tem enfrentado em relação a falta do PDA, foi feito também uma avaliação por parte do MLT, sobre a necessidade de criar setoriais dentro do Movimento, da juventude, da cultura. O fórum após as apresentações foi e tem sido muito importante para o Coletivo, porque aproximamos a nossa teoria no grupo com as experiências práticas do MLT, bem como nossa inserção nas lutas que não tínhamos contato antes. Entendemos que a política tem sido um espaço de disputas pela organização da sociedade. Os jovens se colocam ao Movimento como direito a cultura, como expressão de valores culturais, como discurso contra-hegemônico. Gideão Gomes, 28 anos, percebe que as apresentações têm fortalecido muito os jovens do Coletivo:

[...]

Cada integrante do Coletivo Arte e Cultura em Movimento, no início tinham uma percepção da comunidade. Hoje, após participarem do grupo de teatro onde se trabalha com o teatro político envolvendo problemas reais e com as experiências adquiridas dos debates políticos gerados nos Fóruns de cada apresentação. Pode se notar grandes mudanças na vida de cada jovem do grupo.

Realizamos no dia 11 de outubro de 2013, uma reunião com os pais dos integrantes do Coletivo, na escola. Teve a presença do professor Rafael, para alguns esclarecimentos sobre a coordenação do Projeto de Extensão do Terra em Cena que deu oportunidade para a criação do Coletivo Arte e Cultura em Movimento. Iniciamos com um vídeo sobre a trajetória do grupo, perguntas e o ponto de vista dos pais sobre a importância dos filhos participarem do grupo que tem estimulado a colaboração, trabalho coletivo, a formação crítica dos jovens, foi avaliado também a autonomia que o grupo tem em escolher onde apresentar e organizar.

Nesse encontro, os pais entenderam a seriedade do nosso trabalho com o grupo, a importância dos filhos ingressarem na Universidade, tendo um conhecimento científico aprofundado para depois contribuir com a comunidade.

## **CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA PEÇA**

### **3.1 Análise da peça “Luta pela sobrevivência”**

A peça “Luta pela sobrevivência” do Coletivo Arte e Cultura em Movimento é uma peça de teatro de estilo épico, com diversos procedimentos de agitação e propaganda (Agitprop). De acordo com Iná (2006), o Agitprop teve seu envolvimento direto com as lutas sociais desenvolvidas desde a revolução russa. Várias técnicas foram criadas com o objetivo de promover a agitação de massas e ao mesmo tempo divulgar os projetos políticos da revolução. Ainda segundo ela, a principal característica desse teatro épico é que os intérpretes assumam a postura de narradores dos processos apresentados, a quebra de limites entre palco e platéia dentre outras formas.

“Luta pela Sobrevivência” é uma peça de Teatro Fórum, forma teatral criada por Augusto Boal, de forma que apareçam as contradições da ideologia dominante. Essas técnicas, produzem o estranhamento, seja por meio do discurso, por gesto corporal e facial do ator e, às vezes os três juntos, tendo o efeito dialético de estranhamento por parte do público. E além disso, culmina na entrada das pessoas em cenas para tentar mudar a realidade apresentada, ou se não mudar, pelo menos fazer uma reflexão sobre elas. Quando o público participa das cenas, quebra a quarta parede. Ou seja, o modo tradicional de ver teatro sem se posicionar. A quebra da quarta parede, foi pensado por Brecht no Teatro Épico, e a partir dele, Boal desenvolveu suas técnicas, o que culminou em Poética do Oprimido. Contendo jogos, aquecimentos, exercícios e a forma do Teatro Fórum que aparece na peça “Luta pela Sobrevivência. Isso possibilita a entrada do público em cena, o que propõe a mudança tanto da ação dramática no palco, como na também, vida real.

Tem como tema principal a falta de água no Assentamento, devido a invasão do agronegócio que veio com a Companhia Bioenergética Brasileira (CBB), com as plantações de cana-de-açúcar para a fabricação de álcool nessa usina que fica localizada na cidade de Vila Boa (GO), a 70 km do Virgilândia. A falta de água ocorre pelo fato dos fazendeiros próximos ao Assentamento arrendarem suas terras para o monocultivo e eles utilizarem as águas para a irrigação, represando o rio, e deixando o seco, e a comunidade da região do Parain sem água.

A peça é estruturada em quatro cenas, contendo onze personagens que atuam diretamente tendo falas, e os outros atores e atrizes contribuem no coro. Além disso, esses outros atores que não têm falas fixas têm os papéis de ficarem no meio do público para instigar a participação ativa no espetáculo. No entanto, por não terem as falas já estabelecidas, não são menos importantes do que os atores porque tem a função de dar ritmo para a peça cumprindo a técnica proposta por Boal e Brecht, da quebra da quarta parede, isto é quebrar a forma tradicional do público ver teatro, só assistindo a ação dramática pronta e acabada sem poder ter intervenções. O elenco é composto por vinte e quatro integrantes.

Essa análise foi feita por meio da identificação de procedimentos estéticos sistematizados por Chistine Hamon (2003) e Iná Camargo, (2012) que fazem parte do conjunto de elementos que compõem o universo do Teatro Épico e Agitprop. Antes do início da peça é projetada uma sequência de imagens sobre o território e os problemas ambientais. Na cena um, Dona Maria, abre a torneira que é ilusória, fala com o filho, consigo mesma e depois pergunta ao público: “O que vou fazer agora sem água?” Ao dirigir a pergunta aos espectadores faz com que pensem com ela a solução para o problema. Reconhecendo o público como interlocutor ativo da ação em cena, por meio da quebra da quarta parede ilusória. O público vai percebendo que pode participar das cenas. A torneira como um objeto que não é representado de forma real, Hamon chama isso de abstração funcional.

Dona Maria fica preocupada porque precisa fazer o almoço para o seu esposo, Justino, o presidente do Assentamento, que está no INCRA, para resolver problemas da comunidade. Enquanto isso, dona Teresa vai ao rio e não encontra água. Essa cena surge do meio da platéia. Ela joga o balde por

estar nervosa causando maior atenção das pessoas; ela encontra o marido e começa a reclamar que já está muito velha para continuar sofrendo sem água. Ferreira, o esposo dela, o personagem cômico, repreende Teresa, que diz querer ir embora do Assentamento. Ela diz de forma irônica que lá pelo menos água de esgoto terá para beber. Ao Teresa ter essa visão de que na cidade está melhor representa o discurso da ideologia dominante de que, a cidade é o símbolo do progresso e no campo, o atraso. O casal decide ir até a casa de Justino esperando que ele resolva o problema. Fato muito comum nos Assentamentos em que ficamos aguardando os nossos líderes resolverem os problemas por nós.

Ao chegar à casa de Justino, o presidente explica a história do Assentamento desde o início. Ele menciona que, ao entrarem para as parcelas, as famílias foram desmatando desordenadamente sem a preocupação de deixarem as reservas. Fato esse ocorrido porque o Assentamento foi construído sem o Plano de Desenvolvimento de Assentamento (PDA ); sem terem a visão de onde realizaria os plantios. Ele esclarece que o Assentamento está tentando fazer um plano para Recuperar o Assentamento (PRA). E sem o PRA não estão recebendo financiamento para o desenvolvimento de suas parcelas. Além disso, ele coloca que o tempo está seco, sem chuva, com muito calor, e que a expansão do agronegócio tomou conta da região.

Justino lembra também como as famílias eram unidas; e para resolver esse problema ele sozinho não consegue. Ferreira com o seu papel bem humorado evidencia, perguntando ao público, de forma irônica, se Justino não pode, quem poderá?

Essa forma faz os expectadores entenderem por se tratar de vários temas, desmatamento, secas, agronegócio, desunião, queimadas. E, de forma indireta, obtém atenção ao pensarem o que fazer diante dos problemas.

Após a cena 1, aparece um monólogo feito por uma vendedora do agronegócio. A personagem apresenta o discurso da classe dominante direcionando a platéia para um resgate histórico, que é feito com imagens de vídeos sobre como era a região antes do progresso do agronegócio chegar.

## **CENA 2. (Representante do Agronegócio)**

**Representante do Agronegócio:** Olá! Eu sou Patrícia para os mais chegados sou conhecida como patricinha, sabem qual é o meu trabalho? Eu vendo... *(Desfilando)*. Vendo o quê? *(Olhando para o público)*, Eu vendo agrotóxico. *(Vira e mostra a camisa com propaganda, e a caveira)*. Sou contratada e trabalho para várias empresas: BAYER, BUNGER, PIONER, SYNGENTA, em divulgação de novos produtos na região de Formosa. Fui contratada alguns meses e já conheço toda essa região de Formosa, que tem empresas que trabalham em função do agronegócio e estamos construindo o progresso. Como eu sou muito esperta vejo essa região crescer, e pretendo crescer junto. Adoro trabalhar com as multinacionais e os grandes fazendeiros, que colaboram para esse crescimento. Olha só:

*(Slide com imagens das empresas de máquinas, e também das multinacionais presentes em Formosa)*

Essa região aqui por volta dos anos 30 e 50, era povoada somente de camponês, agora temos uma grande modificação no espaço geográfico, isso aqui era conhecida devido às brigas dos camponeses. Agora não! É conhecida como um pólo do agronegócio para o nordeste goiano.

Onde podemos ver a presença da BUNGER, BAYER, PIONIER, SYNGENTA, NEWHOOLAND, e outras. Antigamente os pequenos produtores vendiam carro de boi, carroça, couro de animal, e algumas outras coisinhas. E mais... Usavam xixi de vaca com fumo como inseticida, *(olhando para o público)*, veja só pessoal que pobreza. Mas isso não vem ao caso, o que me interessa mesmo é o progresso das grandes empresas que trabalha para a expansão do agronegócio, e quero progredir junto. Afinal! Vamos ao que me interessa, chega de blá bláblá,

**Patrícia:** Olá seu Virgílio tudo bem? Aqui estão às amostras dos pedidos, como o senhor pediu urgência, os produtos são esses.

A personagem, de nome Patrícia, fala de forma irônica sobre as formas de vida e os produtos usados pelos camponeses para combater as pragas. Viviam de carroça, carro-boi, couro de animais e o uso de urina de vaca com fumo como inseticida. Ao falar dessa forma, mesmo a platéia não sendo só de camponeses, o efeito provocado é de indignação.

Além disso, a vendedora parece se vender também, estereotipando a mulher como um símbolo sexual em que ao vender os produtos ela se vende ao capitalismo. Dessa forma, aparece as relações nesse sistema capitalista em que vivemos, bem como evidencia a que classe o fazendeiro Virgílio, opressor, pertence. Faz parte da classe dominante que representa o nosso país, os grandes do agronegócio. Que bem sabemos, faz de tudo para conseguir as coisas que deseja, mesmo que para isso precise prejudicar outros. Como fez com as famílias do Assentamento, as deixando sem água para irrigar o seu plantio de cana. Patrícia, vai até a casa do fazendeiro e fala dos produtos ( herbicida, fungicida, bactericida), essas ênfases dos produtos terminados em ida é uma forma irônica para o público refletir que a idéia de progresso para o agronegócio é uso exagerado de venenos..

As famílias esperam falar com a prefeita; para exposição dos problemas, na expectativa de solução. Principalmente o da falta de água, causado pelo fazendeiro. O presidente Justino admite que ele sozinho não pode resolver os problemas, expõe sua fragilidade, Ferreira o repreende dizendo que se ele não pode, quem poderia. Dessa forma, o fio condutor da peça é a falta de água. Mas no desenrolar das cenas, aparecem outros temas como, agrotóxico, política, a falta de união tanto para resolver o problema da falta de água, como para se organizar no Assentamento, as opressões sofridas por dona Maria esposa de Justino. Ele é cobrado da comunidade pela falta de água, sendo oprimido, dessa forma, ele reproduz essa opressão sobre a sua esposa, que também é vítima da falta de água, e agora do seu esposo opressor. Isso retrata a idéia de Paulo Freire, de que o opressor habita o oprimido. Ou seja, ele tem sido oprimido pela comunidade e repassa essa opressão sofrida para dona Maria.

O fazendeiro diz para a vendedora de agrotóxicos: “Eita produto bom! Essa é uma forma ambígua, duplo sentido de dizer, ele não estava dizendo bom dos venenos, mas da mulher. Expondo ela e também as mulheres nessa sociedade mercantil em que se vende tudo, até mesmo o corpo.

Ferreirinha é um personagem cômico que sabe envolver o público, sabendo o tempo necessário de distrair as pessoas sem perder a intenção proposta de passar a mensagem para promover a mobilização. Segundo COSTA, “é bem verdade que o conjunto da tradição cômica popular tem sido vítima dos preconceitos, tidos como verdade igualmente válida para as classes dominantes. Os mais comuns são a burrice, ou inteligência limitada, [...], a rusticidade ou falta de refinamento, mau gosto, vulgaridade, a incultura, a falta de modos ou de educação.”(COSTA, 2012, P. 16).

Todos esses conceitos são sinônimos que sem dúvida foi pensado pela classe dominante que propaga essa ideologia, como sendo o cômico como o da roça, e o teatro que retrata isso, sem valor. Ferreirinha, o personagem é retratado por um jovem que usa todos os acessórios de camponês (botina, calça), na sociedade que ele vive não tem vergonha de dizer que é do campo.

Nas cenas ele fala e valoriza sua cultura. Porque nessa cultura capitalista que predomina, dita as regras do consumo, política, economia e até mesmo na cultura. Vem com o discurso de modernidade, mas bem sabemos que essa modernidade imposta vem acabar com a nossa cultura camponesa, que fale do nosso povo, que nos une. Essa imposição é sentida sobretudo, nas escolas que é um aparelho da ideologia dominante. Ela propaga as festas comemorativas, como o *halloween americano*, que nada tem haver conosco.

Para Silva (et alii, 2003, p.8): “A indústria cultural usa da técnica e dos melhores recursos para envolver o consumidor, levando até eles uma arte mais acessível de conteúdo ocioso, repetido e muitas vezes abandonado.” Por isso, o teatro deve ser, acima de tudo, uma filosofia de vida dos oprimidos, como uma linguagem, meio de expressão cultural questionadora das dominações, produção coletiva igualitária que tenha o efeito político, dialético. Que seja o fato de ser e existir da classe trabalhadora.

Porque segundo COSTA “ Uma sociedade com plena consciência de si não precisaria ter ideologia, necessária entretanto em sociedades como a nossa, que contradiz o conceito de humanidade. No atual estágio, de acelerado descrédito do neoliberalismo ( a última versão da ideologia), que não sairá de cena de bom grado, a função da cultura e da crítica prestigiadas pelo mercado e seu porta-voz, a imprensa, é investir toda a energia no cultivo das aparências e na ofuscação da consciência”( COSTA, 2012, P.7).

***(Prefeita chega com o (a) secretário (a) da agricultura cumprimentando o povo com cinismo).***

**Amigos e amigos presentes nessa audiência é com muito orgulho que venho até vocês hoje aqui, para ouvir e colaborar com o que vocês precisam para melhorar a vida, e a vivência de vocês. Aqui juntamente com o secretário da agricultura, que sempre esteve nesta caminhada tão longa e árdua...**

***(Palma)***

O povo faz uma guerra de movimento indo até a prefeitura esperar a chegada da prefeita que chega falando de forma irônica sobre o prazer de estar ali para melhorar a vida das pessoas. Essa guerra de movimento é uma forma de mobilização das famílias para tentar modificar as estruturas de domínio impostas. Nesse caso, queriam falar com a prefeita Arlete Farias, para intervir junto ao fazendeiro, na espera de abrir a barragem concedendo a água, como antes passava nas suas parcelas. No entanto, o cinismo da prefeita predomina. Dona Maria coloca outros problemas sofridos pela comunidade, como não poder mandar os filhos para escola porque as estradas estão ruins, pontes sem manutenção

A professora Rosinha vê o problema a partir de uma ótica individualista, sem consciência de classe.

**Ferreira: Vocês falam que a gente não pode desmatar, queimar, e nem usar veneno. Porque precisa de uma licença ambiental, e eu não sei o que lá mais. E esses fazendeiros? Eles têm permissão suas pra fazer isso?**



O personagem fala de forma humorada, mas consciente, colocando as contradições para o público, explicitando para que reflitam como camponeses quando dizem que eles não podem queimar, desmatar; precisando de licença ambiental. Porém, o grande fazendeiro por ter recursos não precisa disso, nem é cobrado pela autoridades a preservação ambiental.

***(Enquanto isso, a prefeita cochicha com o secretário da agricultura, anota algumas coisas, olha no relógio).***

**Prefeita: Sim meus companheiros, eu entendo a angústia de vocês e esse assunto é extremamente importante, eu não sabia que tudo isso estava acontecendo, mas nós temos também muitas coisas boas acontecendo no assentamento que não pode ser esquecido, temos o posto de saúde, a casa digital, que inauguramos este mês, e o nosso secretário da agricultura já está providenciando sementes e adubos pra vocês fazerem seus plantios este ano, isso não é bom? Tudo para vocês terem uma boa produção. Quanto às queimadas e os desmatamentos, eu não posso ficar aqui vigiando. Vocês têm que denunciar, é, precisamos ter uma conversa passiva com o fazendeiro para resolver o problema.**

**Secretário da Agricultura: Gente, vocês não precisam ficar preocupados, eu vou encaminhar isso ao secretário de meio ambiente, porque esse ano é um ano eleitoral e a prefeita Arlete Farias não pode se envolver em ações para não prejudicar a sua campanha, afinal: quatro anos é muito pouco para resolver os problemas de todas as comunidades.**

Ele mantém a aparência de organização, faz um discurso: que o tempo de mandato é muito pouco e que ela não poder se envolver tanto devido ser ano eleitoral e também muito problemas para ela resolver. A contribuição dele além de pedir voto foi de dizer ao povo que iria encaminhar os problemas para o secretário do meio ambiente.

***(Na platéia, cochicho de protesto entre o povo).***

Como representante do povo, ela nem sabia dos problemas. Refere as coisas boas que o Assentamento tem em vez de tentar solucionar o problema

com o fazendeiro. Ao falar dos benefícios, como se dissesse ao povo vocês não tem o direito de pedirem mais, fiquem satisfeitos e calados. O significado do nome dela é proposital: Farias, de que farias alguma coisa, porém não fez. E ainda deixou claro que iria ter uma conversa passiva com Virgílio, deixando implícito a ligação dos políticos com esse modelo de produção do agronegócio.

Para ela a solução para a falta de água seria a construção de reservatórios; o público e os personagens ficam agitados com a postura; além disso, a forma como a prefeita e o secretário Henrique se portaram (não prestar atenção nas falas do povo ficando mais de cabeça baixa fingindo registrar em agenda, o olhar freqüente ao relógio; evidenciando que não havia tempo a perder com os camponeses).

As relações sociais são reveladas, como uma espécie de fotografia de como sofremos essa enrolação por parte do poder público. Essa demonstração, Hamon chama de estilização didática do real. Para ela, “rejeitando a arte da representação, objetivo final do teatro tradicional, o Teatro de Agitprop visa ao contrário, uma arte de revelação. Ainda que as relações sociais estejam desnudadas, o inimigo é nitidamente apontado. [...] A ingenuidade fabricada aparece mesmo como uma forma essencial de revelação política [...] é muito mais uma maneira de estilização didática do real. (HAMON, 2003,P.29). E quando os personagens tem essa postura corporal do olhar, como no caso da prefeita ela faz uma auto-crítica sobre o papel representado. Se portando de forma desatenta e irônica. Os figurinos da personagem desnudam ainda mais sua classe (roupa melhor da prefeita, relógio, agenda como sinônimo de pressa, descaso) de que não há tempo à perder com os camponeses .

#### **CENA 4 Assembléia**

***(Justino passa convidando os companheiros para irem à assembléia, em seguida canta o coro, e puxa o grito de ordem dos camponeses).***

Justino liga para Ferreira para convidar a comunidade para se reunirem. Ferreira ao receber a ligação fala com as pessoas diretamente perguntando se vão; com o público é envolvido na condição de camponeses, alienadas pela classe dominante e por isso, deviam unir forças para haver uma libertação coletiva; até porque, ninguém se liberta sozinho. Em seguida, outros atores saem do meio do público cantando o coro, tem declamação de frases individuais, verbalizadas no imperativo que evocam ordem, tomada de decisões que não devem ser só assistindo o espetáculo, mas agindo fora dele, na realidade.

A repetição desse coro ajuda na memorização das ideologias que os camponeses representam como, são agricultores familiares e dependem da água e da terra para sobreviverem. Evoca na voz deles que precisam se unirem, buscar a força coletiva para garantir essas coisas. Além disso, para Hamon, a repetição do coro e das frases, ela chama esse acúmulo ou reforço da idéia política apresentada, com a intencionalidade de levar o público a tomar a decisão de participar, conscientes entendendo os conflitos expostos. Assim como na peça, os personagens representam cantando o que querem, espera do público esse envolvimento para que também pensem mudanças na vida real.

**Fazendeiro Virgílio: O que está acontecendo, meu povo, e pra que esta reunião que vocês me convidaram? Nós não precisamos resolver as coisas assim, pra quê esse tanto de gente? Você disse Justino que queria falar comigo, mas quando eu chego encontro todos nervosos? Calma lá! Pra falar com Virgílio têm que ter jeito, as coisas não são assim, iguais vocês pensam. .**

***(Fazendeiro Virgílio dá Risadas...)***

***Fazendeiro Virgílio ouvindo a reivindicação do povo se enfurece toma a palavra e diz...***

Virgílio fica nervoso ao ver um banner com fotos da agricultura familiar, das plantações de cana e um texto que retratava essa luta de classes. Ele esperava que iria encontrar somente com Justino onde tentaria cooptá-lo. O discurso do fazendeiro é enfático; com tom irônico, o jeito de falar, a expressão facial e corporal deixam claro que não precisamos esperar pelos nossos representantes porque estão aliados ao agronegócio. O fazendeiro ameaça os espectadores diretamente, enfatizando que ele tem dinheiro, o uso da força, do poder e com ele esses pequenos agricultores o que ele chama de "sem que fazer", "não são nada nem ninguém".

No entanto, esses "ninguém" unidos, politizados deixaram o fazendeiro preocupado e para silenciar essa manifestação se preciso, usaria até armas. O opressor se revela, causando um nível de crítica política nos espectadores ainda maior.

**Fazendeiro Virgílio: Vocês prestem atenção no que eu vou dizer agora; mas muita atenção mesmo, porque comigo a coisa é muito mais séria do que vocês pensam que é; pra começar esta região é perigosa, aqui e acolá aparece gente morta por aí, nas estradas, não é? Porque Vocês não abrem algumas cisternas ou poços artesianos pra vocês terem água? Vocês têm mais é que trabalhar e parar com essa palhaçada aqui, isso não passa de uma palhaçada, eu deixar minha fazenda, minha plantação de cana para estar aqui com vocês, e mais... Pra terminar isso aqui quero dizer; se entrarem na minha propriedade... Já sabem o que vai acontecer né, se alguém ainda não entendeu quero dizer bem alto "vai morrer". E só mais uma coisinha, vocês foram à semana passada falar com a prefeita que não pode fazer nada por vocês, e aí? Ainda querem demolir a minha barragem?**

Aproveitando a indignação das pessoas com as cenas de opressões e contradições cantamos o coro novamente para reforçar as idéias. Nesse momento o coringa tem participação especial em provocar o debate sobre as cenas, identificando os opressores e oprimidos para que as pessoas entrem em cena passando de espectadores passivos a atores reflexivos, críticos em que tentam resolver as contradições porque, como diz BOAL, o teatro pode até

não ser revolucionário em si, mas é um ensaio da revolução. Essa peça curta de Teatro Épico cumpre uma eficácia política; pois pela brevidade do espetáculo fica o papel do espectador em interpretar, refletir sobre tudo, até mesmo sobre os objetos que compõem o cenário, tendo grande significado nesse jogo cênico.

Segundo HAMON, "este é um outro aspecto importante do Teatro de Agitação, de fazer as pessoas espectadoras se implicarem diretamente na ação. Do mesmo modo que o cartaz político é dirigido a "você" e muitas vezes com o dedo apontado para a pessoa espectadora que ele designa, o teatro de Agit-Prop recorre a implicação direta, seja incitando o público a participar fisicamente do espetáculo, por exemplo, no julgamento de agitação onde a pessoa espectadora sobe frequentemente na cena; seja sublinhando de maneira explícita que a mensagem política é diretamente direcionada a ela pela intervenção de uma pessoa com função de narrar ou conduzir a peça, trazendo a tona seu significado. (HAMON, 1977,P.28).

Esse Teatro Fórum narra um processo coletivo e faz do espectador um observador podendo se tornar sujeito da ação dramática entrando em cena após o espetáculo. Esse contexto histórico narrado não é cronológico, as cenas são independentes, uma não depende da outra para entender os conflitos. No drama as cenas são dependentes, precisam ser em tempo linear para o entendimento, além disso, o pensamento de caráter inter-subjetivo, determina o ser. Já no épico, segundo SZONDI (2003, p.134-135) o ser social determina o pensamento.

A peça "Luta pela Sobrevivência", tem uma forma cômica que lembra a peça "Juiz de Paz na Roça" de Martins Pena, (1838), tradição do entremezes portugueses na segunda metade do século XIX, no período imperial. Pena colocou no palco personagens que provinham dos estratos intermediários da população, os livres numa ordem escravocrata. Segundo COSTA, convencionou chamar essa forma de trabalho de Pena, observação de costumes.

O tema central da peça é o juiz corrupto que tem o papel de mediar os conflitos. Ele usa da autoridade para isso, principalmente querendo prender o negro que foi acusado de dar umbigada na branca Joaquina esposa de Inácio

José. Umbigada segundo o juiz não era crime grave, ( um jeito de cantar a mulher sexualmente), mas por ele ser negro, sair com uma branca era manchar a classe e por isso o juiz poderia arrumar na lei (ele era a lei) um jeito de por ele na cadeia mesmo sem ter culpa.

Para de fato retratar os conflitos da época ele fez parodia da passagem de Salomão, quando o juiz vai resolver o problema com, Tomás e João : o segundo reivindica que o porco passou para a propriedade dele e por isso o porco deve ser dele. Tomás, o verdadeiro dono pede que o juiz como representante do povo na corte provincial, exija que faça cerca por toda vizinhança. O juiz logo questiona dizendo que isso é insignificância para o corte resolver. Tomás toma o poder de voz e lembra o juiz dos votos que ele pediu para o povo, logo tem que resolver os problemas.

Na peça “Luta pela Sobrevivência”, na cena 3, o personagem Ferreirinha também tem essa consciência de que ele votou na prefeita Farias, mesmo vendendo seu voto por uma cesta-básica, mostrando também como os políticos são corruptos.

O personagem chama o povo para buscar os seus direitos. Normalmente votamos nos candidatos e não aprendemos a cobrar deles de forma coletiva, de forma que resolva os problemas da comunidade. Ferreirinha admite que vendeu o voto, mas entende que não é a forma correta e que mesmo vendendo não teve o seu problema resolvido, por se tratar da falta de água coletiva. Muitas pessoas agem dessa forma, tentando a qualquer custo resolver seus problemas individuais. Ferreira entende que só no coletivo teria possibilidade de resolver.

Na peça “ Luta pela Sobrevivência” na cena 3 ouvimos os depoimentos de Dona Maria, professora Rosinha, Ferreirinha e Justino, que faz com que os espectadores fiquem atentos a cena entendendo cada assunto colocado pelos personagens.

Dona Maria, coloca o problema de não poder mandar os filhos para escola por causa das estradas que estão ruins devido a falta de manutenção da prefeitura e com isso os ônibus escolares tem quebrado muito deixado os alunos sem aula, e algumas vezes quando vão a escola chegam atrasados .

Rosinha aborda no seu discurso, uma alerta para povo que esta reivindicando com a prefeita para saberem o que falar para ela não perder o

seu emprego na comunidade. Isso evidencia a dificuldade das pessoas se organizarem em busca dos mesmos objetivos, porque ela enquanto moradora deveria pensar e agir para melhorar a vida do coletivo.

Justino explica para a prefeita Arlete Farias e o secretário de Agricultura, Henrique o motivo das famílias estarem reunidas naquela audiência. Se trata da falta água devido o abuso de autoridade do fazendeiro em represar a água para molhar a plantação deixando a comunidade com esse problema. Além disso, Ferreirinha coloca os problemas que envolvem Virgílio com a sua plantação de cana, as queimadas, desmatamentos, uso de agrotóxicos.

O personagem faz com que o público se indigne e reflita. “Porque o fazendeiro pode tudo?” Entendem que nessa sociedade de desigualdade você vale pelo o que você tem e não pelo caráter em pessoa. A base do capitalismo é a propriedade privada de terras, que deseja expulsar do campo, camponeses como Ferreirinha e a sua esposa.

No entanto, essa expulsão não ocorre de forma “violenta”, acontece por meio dos discursos ideológicos nas propagandas de televisão, rádio, e todos os aparatos da mídia para o poder do convencimento em deixar o campo, para dar lugar aos grandes monocultivos que servem para exportação estrangeira e não para alimentar nosso povo, como é dito nos discursos da classe opressora. A propaganda também é feita na escola, começando com as crianças, que ao chegarem a juventude o ideológico já está convencido de que o campo não lhes serve mais.

O local onde sempre viveram, produziram as agriculturas agroecológicas com os seus familiares, agora é símbolo de “atraso, grotesco”. Com isso, temos visto nossa cultura e nossa juventude irem embora.

Rejeitando a arte da representação, o objetivo final do teatro tradicional, o teatro de Agitprop visa, ao contrário, uma arte de revelação. Ainda que as relações sociais estejam desnudadas, o inimigo é nitidamente apontado. Alguns procedimentos são utilizados para se alcançar este desnudamento das relações políticas. Primeiramente, o inimigo mesmo dá seu testemunho ingênuo e se apresenta simplesmente como tal.” A prefeita por exemplo, já esta evidente a qual classe ela pertence e defende. Com o discurso de que os agricultores devem produzir com venenos, revela ainda mais. Se a revelação

está no centro dos procedimentos empregados pelo Agitprop, nem sempre é suficiente.

Segundo HAMON, “assim, não é raro que seja reforçado por formas de redundância, de acúmulo, que permitem acentuar ainda com mais força persuasiva a idéia política antes colocada.” (HAMON, 1977, P.29). O opressor/inimigo sempre se revela de forma cômica, irônica e isso é determinante para desmistificação, aparece de forma verbal e gestual.

Ainda de acordo com a autora, a linguagem simples, popular, tem prazer em brincar com as sonoridades, prazer dos diminutivos, como é o caso da linguagem de Ferreirinha (do campo). O Teatro de Agitprop, por ter sido criado no seio das manifestações políticas sendo apresentado no interior das fábricas, em regiões rurais isoladas, que precisava ser desmontado rapidamente por causa das repressões políticas, se adaptou ao uso de poucos acessórios, os que permanecem no espetáculo possuem grande significado.

“Apesar das desigualdades, das contradições, o trabalho das atrizes e dos atores de Agitprop pode parecer resolutamente novo: orientado para a ação corporal, fundado sobre uma crítica política dos papéis, atento a preservar um distanciamento das personagens, recorrendo incessantemente a piscadas de olhos e a efeitos de rupturas, anuncia e prepara, ainda que de maneira desigual e pouco teorizada, a encenação épica tal qual será praticada pouco tempo depois na Alemanha.”(HAMON,1977,P.33).

Ou seja, o Teatro de Agitprop precede, preminência, dá origem ao Teatro épico.

Na “Luta pela Sobrevivência” Patrícia revela através dos gestos e avisa que ela está lá de novo e que vai a assembléia dos pequenos produtores soltar o seu veneno. No fórum da peça é o momento em que convida o público a participar do espetáculo apresentado. Não é mero observar, é entender os assuntos abordados, refletir e agir em cena dando suas opiniões para mudar o texto da peça que nunca está pronto.

Segundo o entrevistado, Gideão Gomes, 28 anos, nas apresentações do CACM, o grupo tem feito a comunidade despertar sobre as contradições internas, bem como as desigualdades sociais. Isso se dá por causa das formas do Teatro do Oprimido que, tem as formas que faz as pessoas se estranharem com os problemas, pensar criticamente. Pois, as falas dos personagens não



estão estáticas, prontas e acabadas ali. Precisa da participação dos espectadores para pensar as mudanças. Os discursos dos personagens, são uma espécie de provocação.

[...] O grupo tem transmitido em cada apresentação valores políticos que levam as comunidades a perceberem as contradições de cada território. Despertando para formação de jovens e adultos na tomada de consciência.

“Se quisermos enfim, para concluir, nos interrogar sobre a especificidade das relações entre as pessoas atuando e pessoas espectadoras suscetíveis de justificar a dupla formula de agitação e de propaganda, constatamos que esta forma de teatro está fundada sobre a recusa de produzir uma imitação da vida destinada a ser contemplada passivamente e visa, ao contrário, substituir a cena-reflexo passiva por uma cena ativa que incite a pessoa espectadora a participar do espetáculo.”(HAMON,1977,P.33).

O Teatro Épico é uma narrativa coletiva, que pode ser no presente, passado e aponta para reflexões futuras. O espetáculo é feito com o diálogo com os espectadores, quebrando a quarta parede. Os objetos são simples e possuem significados (roupas de trabalhadores com campo, enxada, botina, balde que representa a cultura a de irem para o rio, pegar água, lavar roupa, tomar banho em família, panela, e uma boneca. Os opressores se revelam por meio dos gestos, faciais, corporais, pelo discurso ambíguo, o cinismo uso de coro para representar as falas coletivas, uso de recursos áudio visual. O Teatro Fórum também estabelece o diálogo com o público, tem uma opressão evidente nas cenas para que depois da apresentação, na hora do fórum, o público possa discutir as opressões em cena e para haver mudanças na realidade. Tem o personagem curinga que media o debate na hora do fórum, usa os recursos áudio visual para contextualizar os espectadores sobre o território e os conflitos que muitas vezes, não cabem só no discurso dos personagens em cena. Essa idéia de usar esses recursos foi testado por Brecht no Teatro Épico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi investigar em que medida o Teatro do Oprimido tem contribuído para formação política dos educandos que fazem parte do grupo teatral, Coletivo Arte e Cultura em Movimento, avaliando se eles e suas reflexões e práticas confirmam essa hipótese, bem como, se o grupo tem influenciado os seus pais, professores, e toda a comunidade Virgilândia em geral, a terem uma visão crítica sobre as contradições.

Mas, antes de relatar o resultado da pesquisa cabe uma breve observação sobre as disciplinas de arte no Colégio Estadual Assentamento Virgilândia. Segundo relato de Francismêr, uma das docentes, as disciplinas de artes são estabelecidas no plano curricular que vem da Secretaria de Educação, envolve, música, teatro e pintura (artes plásticas).

Em cada semestre deve ser trabalhado uma forma. A disciplina artes plásticas é realizada em disciplina separada, mesmo sendo em carga horária menor que as outras, julgadas de maior valor como, português, matemática. Já as outras de teatro e música não têm disciplina separada. Por isso, são abordadas dentro das aulas de português.

Isso quer dizer que existindo a disciplina de artes separada, o tempo é pequeno, junto com português o tempo para trabalhar teatro fica ainda menor. Percebemos que para os docentes cumprirem as metas do trabalho com teatro e música, os alunos fazem encenações de contos, paródias, em datas comemorativas, como em dia das mães, crianças, ou quando tem projeto do colégio, os alunos fazem suas criações com um pouco mais de tempo.

No entanto, essas metodologias são do teatro tradicional, dramático e decoreba do qual nos acostumamos a reproduzir. Um teatro de forma dramática que é narrado em ordem cronológica como se encena um conto.. Era uma vez, nasceu, cresceu, teve o clímax da narrativa, nesse caso, quando houve o casamento, e viveram felizes para sempre. Todo texto encenado tem que ser decorado para cada personagem colocar suas falas para chegar ao

final do casamento, felizes para sempre.

É o mesmo que, segundo COSTA,

esses textos não tem eficácia dialética porque “ o discurso do personagem não pode ser lido linearmente porque está sempre em situação. Esta seria a primeira lição de uma estética teatral dialética: o discurso teatral, seja declaração de personagem, seja rubrica, não pode ser lido linearmente- sob pena de incompreensão. Há sempre um interlocutor; falante e ouvinte tem intenções retóricas, podem estar comprometidos com a verdade ou querer encobri-la. E o discurso que se produz tem consciência de que deve ser ouvido e entendido criticamente pelo público (o segundo interlocutor, que fica implícito). Este mínimo de percepção dialética é indispensável, o que vale para qualquer texto.”(COSTA, 2012 ,P.122-123).

Não há uma reflexão crítica. Para ter eficácia tem que ser dialético; ou seja, em toda a cena aparece de forma contraditória, exemplo, diz uma coisa, mas os gestos (a expressão facial, corporal se nega ao discurso verbalizado). Toda a cena não é cronológica, esperamos uma reação dos personagens, mas eles agem de forma inesperada porque estamos acostumados a ver um espetáculo.

Essa forma foi criada de modo intencional para nós desconfiarmos do por que da reação desse personagem, aparecem as formas como é feito. Esse nosso estranhamento nos faz sair do momento presente da ação, da situação passiva, quase inconsciente das cenas em que nos encontramos e como as mídias tem feito para não questionarmos as desigualdades.

Apenas usa o modelo do drama que trata os conflitos de uma classe tendo como veículo da ação, o diálogo que aparece como um conflito de uma família. E nunca entendido como um problema coletivo. E quando alguém se identifica com o conflito abordado no drama, pode ocorrer duas reações: uma é de conformidade com o problema, se assume como sujeito fracassado, a segunda reação é a de superação da realidade, com isso o indivíduo entende que ele também pode ter todos os bens de consumo que a sociedade capitalista oferece, e para isso ele vai fazer todo esforço. No entanto, se o indivíduo não alcançar os bens que deseja, “é culpa dele próprio”, “não do sistema que o aliena e o faz com que não se reconheça mais como sujeito pensante que decide o que vestir, o que assistir. A cultura teatral deve ser acima de tudo estratégia política.

A metodologia de Teatro do Oprimido realizado com o Coletivo Arte e Cultura em Movimento tem contribuído muito para formação crítica dos jovens. Hoje eles conseguem entender as desigualdades de recursos que é destinado para o agronegócio e para agricultura familiar, entendem e falam dos conflitos da comunidade, da escola, valorizam o campo onde vivem, querem buscar formação acadêmica para contribuir com a comunidade. Os jovens estão se fortalecendo em busca de um futuro melhor, recebem o apoio dos mais idosos, eles conheceram a história de luta do Assentamento e com isso querem permanecer no campo, estão por meio do teatro unindo forças para conscientizar a comunidade do Assentamento para cuidarem do meio ambiente que vivem e gostam. O grupo tem ajudado as pessoas por onde apresentam, a saírem do comodismo em que vivem devido ao avanço do agronegócio, a não aceitarem esse modelo de produção imposta que vem acabando com o nosso meio ambiente, nossa cultura e nossa identidade camponesa.

Os pais têm percebido as diferenças nos filhos. Já na comunidade a discussão sobre os conflitos precisa ser mais discutida. Porque poucos viram a peça, os que viram entenderam que precisa haver mudanças. No entanto, o discurso ainda permanece nas cenas teatrais, ainda não se uniram para buscar projetos, dizer o que querem para as lideranças e juntamente com ele buscar melhorias. Sabemos que o processo de conscientização não ocorre tão rápido e de forma isolada. A libertação, como diz Paulo Freire acontece de forma coletiva, ninguém se liberta sozinho.

A contribuição dessa pesquisa e do Coletivo Arte e Cultura em Movimento é fazer com que nos unamos para nos libertarmos, das opressões do poder político, econômico e cultural, e despertar o nosso senso crítico sobre as contradições.

A integrante Simone Couto, tem percebido que o Coletivo tem tentado conscientizar as pessoas da comunidade. Isso tem acontecido, mas ainda não foi totalmente e ela diz o por quê:

As dificuldades do Coletivo Arte e Cultura em Movimento são difundir isso como cultura mesmo. A cultura ainda está muito aquém na comunidade. A maioria olha para o grupo como cultura de passar tempo, diversão. Uma demanda para romper com essa barreira de impor uma percepção de ver o grupo como cultura política da

comunidade. Não sei se será eu, mas o grupo que pode romper com isso. Primeiramente explicar o que é cultura, porque no Assentamento temos várias culturas como, músicos, poetas. Explicar fazendo um projeto de sociedade. O grupo teatral trás uma grande responsabilidade consigo, buscar esse espaço cultural onde todas as artes estão envolvidas

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

BORGES, Rayssa Aguiar. **Teatro Político: conscientização provocativa**. Experimentação de um Teatro Político, baseado em Augusto Boal, no Ensino Médio, de maneira extracurricular, buscando o processo de Conscientização proposto por Paulo Freire. Trabalho de Conclusão de Curso. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

CAMPOS, Cláudia de Arruda. **Zumbi, Tiradentes**. E Outras Histórias Contadas pelo Teatro de Arena de São Paulo. São Paulo: perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

COSTA, Iná Camargo. **Nem uma lágrima teatro épico em perspectiva dialética**. 1ª ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: uma introdução no pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 2006,a.

GARCIA, Silvana. **Teatro da Militância- A intenção do popular no engajamento político**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GONÇALVES, Ana Cristina. (et al) **Processo de trabalho do grupo O avesso da Máscara com a técnica do Teatro do Oprimido. Cadernos do Avesso Nº1**. Brasília – DF, 2003.

GUARNIERI, Gianfrancesco. **Eles Não Usam Black-tie**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GULLAR, Ferreira. **Vanguarda e Subdesenvolvimento. Ensaios sobre arte**, 2ª edição- Civilização Brasileira, Rio, 1969.

HAMON, Chistine. **Formas dramáticas e cênicas do teatro de Agit – Prop.**, França: La Cité – L'age d' fromme, Lausanne, 1977.

IASI, Mauro Luís. **Ensaio sobre Consciência e Emancipação**. 1ª edição-  
Editora Expressão Popular, São Paulo, 2007.

KÜHNER, Maria Helena. **Teatro Popular: uma experiência**. Rio de Janeiro:  
Livreria Francisco Alves Editora S.A, 1975.

## ANEXOS

### COLETIVO ARTE E CULTURA EM MOVIMENTO

#### “Luta pela Sobrevivência”

##### Personagens:

Fazendeiro **Virgílio**

Empregado do fazendeiro: **Zé**

Vendedora do agronegócio **Patrícia**

Família 01 **Justino e D Maria**

Família 02 **Ferreira e D Teresa**

Professora (o): **Rosinha**

Secretário da Agricultura : **Eduardo**

Prefeita (o): **Arlete Farias**

#### CENA 1

*(Justino chega para almoçar)*

**Justino:** O almoço está pronto?

**Dona Maria** abre a torneira que é ilusória, fala com o filho, consigo mesma e depois pergunta ao público: o que vai fazer agora sem água. Ao dirigir a pergunta aos espectadores faz com que pensem com ela a solução para o problema.

**Dona Maria:** Ah! Não fiz porque só tem esse pouquinho de água pra beber, vou esquentar o resto da janta.

*(Justino tira o chapéu e descansa enquanto dona Maria mexe a comida com a criança no colo).*

*(Enquanto isso, dona Teresa, vai ao rio e não encontra água. Essa cena surge do meio da platéia. Nervosa com o balde na mão ela encontra seu marido e diz)...*



**Dona Teresa:** Chega! Não agüento mais, fui ao rio e não encontrei água; e hoje não tem almoço. Você lembra daquele cavalinho magrelo que seu João tinha, morreu de sede, não aguentou, daqui alguns dias é nós que vamos cair seco e morrer sem água.

**Ferreira:** Calma minha velha, vamos lá ao seu Justino ver o que está acontecendo, ele faz parte da associação, vamos ver o que ele resolve, e qualquer coisa nós vamos embora pra cidade.

**Dona Teresa:** É lá pelo menos tem água de esgoto pra nós beber, aqui pra matar a sede; só chupando cana do seu Virgílio.

**Justino:** Calma seu Ferreira eu vou explicar desde o início para o senhor entender como é que funciona. O Assentamento Virgilândia iniciou no dia 28 de dezembro 1996, e foi constituído sem o PDA, o senhor sabe o que é PDA? É o plano de desenvolvimento do assentamento. O que aconteceu? As famílias chegaram produziram muito, trabalhavam juntos, tinha muita água muita fartura, chovia bastante na época, as barragens era tudo cheia. E agora como é que estamos vivendo aqui?

Estamos tentando fazer o PRA, o senhor sabe o que é PRA? É o plano de recuperação do assentamento. Agora estamos vivendo nessa época seca sem água não é? Quase não está chovendo mais, ninguém mais quer trabalhar no coletivo, e pra piorar a situação o agronegócio tem tomado conta da região com as plantações de cana. Pode ver que os nossos vizinhos fazendeiros como é o caso do seu Virgílio, estão desmatando, queimando, usando demasiadamente o uso de agrotóxicos, e fechando a água em barragens deixando a comunidade sem água. Por isso estamos nessa situação. Como é que vamos recuperar esse assentamento? Sozinho eu não dou conta.

**Ferreira:** Então é quem?

**Ferreira** com o seu papel bem humorado evidencia, perguntando ao público, de forma irônica, se Justino não pode, quem poderá

**Justino: Todo mundo junto, temos que nos unir e procurar o poder público como antigamente a gente não fazia isso?**

**Dona Teresa: Ainda bem que você disse antigamente; eu quero é ir embora porque já estou cansada dessa vida, já estou velha e não preciso mais passar por isso.**

**Ferreira: Calma mulher, não é assim; vamos tentar ele não estar explicando pra você?**

**Espera ele falar.**

**Justino: Então vamos fazer o seguinte: vou tentar uma audiência com a prefeita Arlete Farias para ver o que ela pode fazer, nós não votamos nela? Então chegou à hora dela nos ajudar Ferreira: E nós vamos sozinho?**

**Justino: Não! Vamos chamar mais gente da comunidade, quem quiser ir.**

**Ferreira: Combinado.**

## **CENA 2 (Representante do Agronegócio)**

**Representante do Agronegócio: Olá! Eu sou Patrícia para os mais chegados sou conhecida como patricinha, sabem qual é o meu trabalho? Eu vendo... (*Desfilando*). Vendo o quê? (*Olhando para o público*), Eu vendo agrotóxico. (*Vira e mostra a camisa com propaganda, e a caveira*). Sou contratada e trabalho para várias empresas: BAYER, BUNGER, PIONER, SYNGENTA, em divulgação de novos produtos na região de Formosa. Fui contratada alguns meses e já conheço toda essa região de Formosa, que tem empresas que trabalham em função do agronegócio e estamos construindo o progresso. Como eu sou muito esperta vejo essa região crescer, e pretendo crescer junto. Adoro trabalhar com as multinacionais e os grandes fazendeiros, que colaboram para esse crescimento. Olha só:**

*(Slide com imagens das empresas de máquinas, e também das multinacionais presentes em Formosa)*

Essa região aqui por volta dos anos 30 e 50, era povoada somente de camponês, agora temos uma grande modificação no espaço geográfico, isso aqui era conhecida devido às brigas dos camponeses. Agora não! É conhecida como um pólo do agronegócio para o nordeste goiano.

Onde podemos ver a presença da BUNGER, BAYER, PIONIER, SYNGENTA, NEWHOOLAND, e outras. Antigamente os pequenos produtores vendiam carro de boi, carroça, couro de animal, e algumas outras coisinhas. E mais... Usavam xixi de vaca com fumo como inseticida, *(olhando para o público)*, veja só pessoal que pobreza. Mas isso não vem ao caso, o que me interessa mesmo é o progresso das grandes empresas que trabalha para a expansão do agronegócio, e quero progredir junto. Afinal! Vamos ao que me interessa, chega de blá blá blá

*. (Empregado do fazendeiro, o Zé)*

**Patrícia:** Oi tudo bem, sou Patrícia eu liguei pro seu patrão mais cedo posso falar com ele?

**Zé:** espera aí um pouquinho,*(Sai vai até o patrão)*.

**Zé:** Patrão tem uma moça aí querendo falar com o senhor.

**Virgílio:** Pode mandar entra, já sei quem é.

**Zé:** Pode entrar moça, o patrão está sua espera.

*(Patrícia entra cumprimenta e já fala.)*

**Patrícia:** Olá seu Virgílio tudo bem? Aqui estão as amostras dos pedidos, como o senhor pediu urgência, os produtos são esses.

*(Patrícia tira os produtos da bolsa e coloca sobre a mesa)*

**Virgílio:** AH, muito bem! Eu estou precisando.

**Patrícia:** Olha só! Tudo que tem ida é bom para sua plantação de cana, fungicida, inseticida, Herbicida, bactericida, lembrando que esses são os melhores produtos do mercado.

**Virgílio:** Pega os produtos olha analisa e diz: muito bem! Ficarei com todos esses.

**Patrícia:** com todos? Maravilha! Adorei fazer negócio com o senhor.

*(Fazendeiro Virgílio pergunta o valor dos produtos e assina o cheque)*

**Virgílio:** Eu também, muito obrigado!

*(Patrícia sai da sala)*

*(Virgílio desce os óculos olha para nádegas da moça e diz...)*

**Virgílio:** Eita produto bom!

*(Patrícia sai balançando o cheque e brinca com o público)*

**Patrícia:** Viu? Como é fácil vender meus produtos! Eu sou de mais.

*(fazendeiro Virgílio chama o Zé)*

**Virgílio:** ZÉ, pega isso aqui, e leva para os outros peões bater naquela cana próxima da barragem. Isso aqui é tudo ida; de volta eu só quero o lucro da minha produção.

### **CENA 3 (Prefeitura)**

*(Justino passa convidando mais pessoas para irem à prefeitura falar com a prefeita Arlete Farias)*

*(Na prefeitura)*

**Justino:** Pessoal: pode-se assentarem enquanto a prefeita chega, porque ela tratou que iria está conosco nessa audiência, hoje é o dia que precisamos saber falar com ela.

*(Professora temerosa fala...).*

Professora Rosinha: Gente, cuidado com o que vocês vão falar porque eu não quero perder meu emprego, as coisas já não estão indo muito bem, se eu perder meu emprego a minha vida se complica mais ainda

Dona Maria: Olha só! A prefeita Arlete Farias está chegando.

*(Prefeita chega com o (a) secretário (a) da agricultura cumprimentando o povo com cinismo).*

Prefeita: Olá meu povo! Meus amigos e amigas presentes nessa audiência é com muito orgulho que venho até vocês hoje aqui, para ouvir e colaborar com o que vocês precisam para melhorar a vida, e a vivência de vocês. Aqui juntamente com o secretário da agricultura, que sempre estive nesta caminhada tão longa e árdua...

*(Palmas...)*

Justino: Pois é senhora prefeita, o motivo dos pequenos produtores estarem aqui é muito importante, porque nós estamos sendo prejudicado pelo seu Virgílio, que construiu uma barragem no rio prendendo toda a água para molhar sua plantação, com isso deixou todos nós sem água.

Ferreira: E agora estamos todos sem saber o que fazer, porque com esses fazendeiros não é fácil chegarmos a um acordo.

Dona Maria: E nós estamos sem mandar os nossos filhos pra escola por causa das pontes que estão quebradas devido à passagem constante desses caminhões cheio de cana que estão quebrando tudo, e também por falta de manutenção da prefeitura.

Ferreira: Vocês falam que agente não pode desmatar, queimar, e nem usar veneno. Porque precisa de uma licença ambiental, e eu não sei o que lá mais. E esses fazendeiros? Eles têm permissão suas pra fazer isso?

*(Enquanto isso, a prefeita cochicha com o secretário da agricultura, anota algumas coisas, olha no relógio).*

**Prefeita:** Sim meus companheiros, eu entendo a angústia de vocês e esse assunto é extremamente importante, eu não sabia que tudo isso estava acontecendo, mas nós temos também muitas coisas boas acontecendo no assentamento que não pode ser esquecido, temos o posto de saúde, a casa digital, que inauguramos este mês, e o nosso secretário da agricultura já está providenciando sementes e adubos pra vocês fazerem seus plantios este ano, isso não é bom? Tudo para vocês terem uma boa produção. Quanto às queimadas e os desmatamentos, eu não posso ficar aqui vigiando. Vocês têm que denunciar, é, precisamos ter uma conversa passiva com o fazendeiro para resolver o problema.

**Secretário da Agricultura:** Gente, vocês não precisam ficar preocupados, eu vou encaminhar isso ao secretário de meio ambiente, porque esse ano é um ano eleitoral e a prefeita Arlete Farias não pode se envolver em ações para não problemas de todas as comunidades. *(Prefeita olha no relógio, e cochicha com o secretário o secretário).*

*(Os personagens conversam misturados a platéia duvidando ).*

**Prefeita:** Precisamos ir embora porque temos reuniões sobre outros assuntos pendentes, mas vocês podem ficar tranquilos porque todos os problemas serão resolvidos com calma.

**Prefeita:** Muito obrigado meu povo pela atenção, agradeço a receptividade e até a próxima.

*(Prefeita sai tranquilamente).*

*(Ferreira se levanta e diz).*

**Ferreira:** Por isso eu não quero continuar com isso, os políticos não está nem aí, só quer o voto da gente.

*(Justino interfere e diz:)*

**Justino:** Já que não resolvemos aqui, vamos ligar pro seu Virgílio e marcar uma assembleia pra nós resolvermos esses problemas. Porque esperar os reservatórios que só vem no mês que vem não dar; estamos precisando da água, é agora.

*(Todos saem falando entre si, e discutindo).*

*(Patrícia aparece falando que vai à assembléia tentar vender alguns produtos).*

**CENA 4.** Assembleia.

*(Justino passa convidando os companheiros para irem à assembleia, em seguida canta o coro, e puxa o grito de ordem dos camponeses).*

*(Antes de iniciar oficialmente a assembléia, o povo discute entre si).*

**CANÇÃO DOS CAMPONESES**

**Chegou a hora de reivindicar**

**A assembléia vai começar**

**E o povo camponês vai se organizar.**

**Essa é a hora da gente lutar**

**Chega de nos humilhar**

**Somos da classe humilde camponesa**

**E o grande produtor irá perder sua vez**

**Porque o povo reivindica o que é seus.**

**FALANDO:** Somos pequenos produtores e vivemos dos frutos da terra,

**Aqui ninguém nos domina,**

**Agricultura familiar predomina**

**Precisamos da água e da terra**

**E por causa disso, enfrentaremos essa guerra.**

**Chega de nos humilhar**

**Somos da classe humilde camponesa**

**E o grande produtor irá perder sua vez**

**Porque o povo reivindica o que é seus.**

**Justino: Essa assembléia hoje vai ser boa, temos que colocar aquele velho no lugar dele.**

**Zé: Rapaz, vocês toma cuidado e fala direito com ele, ontem nós não resolvemos nada com a prefeita.**

**Justino: Pessoal, vamos prestar atenção! Porque hoje é um dia decisivo para todos nós, Porque temos que resolver esse problema da falta água, ontem nós não resolvemos nada com a prefeita.**

*(Ferreira grita, olha seu Virgílio chegando pessoal).*

*(Fazendeiro Virgílio chega cumprimentando a todos, mas o povo fica cochichando indignados).*

**Fazendeiro Virgílio: o que está acontecendo meu povo, e pra que esta reunião que vocês me convidaram? Nós não precisamos resolver as coisas assim, pra quê esse tanto de gente? Você disse Justino que queria falar comigo, mas quando eu chego encontro todos nervosos? Calma lá! Pra falar com Virgílio têm que ter jeito, as coisas não são assim, iguais vocês pensam.**

*(Justino cutuca outro e diz: fala Ferreira)*



*Fazendeiro Virgílio dá risadas... ouvindo a reivindicação do povo se enfurece ao ver também um banner com fotos da agricultura familiar, das plantações de cana e um texto que retratava essa luta de classes. Ele esperava que iria encontrar somente com Justino onde tentaria cooptá-lo.*

Justino: Uai! Você não disse que iria falar? Ficou mudo por quê?

*(Dona Maria grita, fala alguma coisa Zé!).*

*(Zé continua calado com a cabeça baixa).*

Justino: É seu Virgílio, nós estamos aqui pra resolver esse problema da falta d'água que o senhor gerou com a construção da barragem, tirando toda água da gente. E nós estamos sendo prejudicado com isso, o rio não corre mais água, e que foi que criou tudo isso afinal? Foi o senhor Virgílio, então o problema aqui é o senhor.

Fazendeiro Virgílio: Não! Eu sou a solução, eu estou apenas trabalhando, são vocês que estão perdendo tempo aqui com esse negócio de reuniãozinha qualquer, estou é gerando emprego, trazendo desenvolvimento pra região, inclusive tem até um amigo de vocês que é do assentamento trabalhando comigo. Não é Zé?

*(Zé todo sem graça responde).*

Zé: É...

*(Enquanto isso o fazendeiro Virgílio faz citação a Patrícia que está tentando vender veneno no meio do povo).*

Fazendeiro Virgílio: Olá Patrícia seja bem vinda! Olha pessoal através de mim é que vocês Estão tendo a presença dessa moça que é uma representante do agronegócio para Formosa Entorno, essa sim; pensa em futuro assim como eu.

Justino: Senhor Virgílio, nós só precisamos que o senhor abra a barragem para que nós não morramos de sede, nós, e as nossas criações.

Ferreira: Tem mais uma coisa; o povo está decidido a entrar na sua fazenda e demolir aquela maldita barragem, não é pessoal?

*(O povo sem paciência com raiva começa a gritar demolição da barragem já...).*

*(Fazendeiro Virgílio ouvindo a reivindicação do povo se enfurece toma a palavra e diz...)*

Fazendeiro Virgílio: Vocês prestem atenção no que eu vou dizer agora; mas muita atenção mesmo, porque comigo a coisa é muito mais séria do que vocês pensa que é; pra começar esta região é perigosa, aqui acolá aparece gente morta por aí, nas estradas não é? Porque Vocês não abrem algumas cisternas ou poços artesianos pra vocês terem água? Vocês têm mais é que trabalhar e parar com essa palhaçada aqui, isso não passa de uma palhaçada, eu deixar minha fazenda, minha plantação de cana para está aqui com vocês, e mais... Pra terminar isso aqui quero dizer; se entrarem na minha propriedade... Já sabem o que vai acontecer né, se alguém ainda não entendeu quero dizer bem alto “vai morrer”. E só mais uma coisinha, vocês foram à semana passada falar com a prefeita que não pode fazer nada por vocês, e aí? Ainda querem demolir a minha barragem?

1. O que é cultura?
2. O que é política?
3. Você percebe as pessoas do Virgilândia participando de política? Se não, por quê?
4. O que você sente ao assistir uma peça do Coletivo Arte e Cultura em Movimento?
5. Percebe através das peças que há conflitos no Assentamento entorno? Se sim, quais?
6. Você faz parte do Coletivo Arte e Cultura em Movimento? Consegue perceber durante as apresentações que os debates têm gerado o efeito de discussão política? Como ver isso?
7. O que mudou na sua vida após a inserção no grupo?
8. Após assistir as peças ou atuar no grupo, você se acha uma pessoa mais crítica? Como?
9. A Escola tem formado alunos mais críticos? Que metodologias são utilizadas?
10. Os jovens participam das reuniões escolares e da associação do Assentamento? Qual é a importância dessa participação?
11. A comunidade participa da escola?
12. O Assentamento tem acreditado e contribuído com as suas lideranças?
13. Quais são as dificuldades do Coletivo? (No início da formação e atualmente)?
14. Qual é a importância das disciplinas de arte na escola? Deve aumentar a carga horária?
15. O que mudou na vida dos alunos depois do teatro?

## RESPOSTAS

**Micael Sena de Oliveira, 18 anos.**

1. O teatro é uma cultura. A forma como vive em casa é cultura. Faz parte do dia-a-dia de todo o ser humano.
2. As formas de organizar, reivindicar os problemas Assentamento.
3. Acho que sim. Temos que envolver. O MLT é um Movimento político que discute política socialista.
4. Me sinto bem. Feliz.
5. Sim. Água, política, prefeito (não se preocupa com o Assentamento), conflito dentro de casa como, exploração da mulher.
6. Sim. Bom, fala e discute os problemas do Assentamento. Até resolve.
7. Mudou muita coisa: forma de pensar, ver a sociedade, sobre política e cultura. Perde a timidez fazendo teatro, se expressar melhor.
8. Um pouco mais crítico, ter mais conhecimento. Crítica na parte mais política e cultural.
9. A escola em sim não tem. A Faculdade sim.
10. Não participa muito não.
11. Acho quem sim. Tem participação boa. Só nas reuniões, festas. Tem comida vem.
12. Não está.

**Nivaldo Bento de Araújo Júnior, 21 anos.**

1. As formas como expressam suas tradições, seus conhecimentos, seus acúmulos de vida.
2. As formas como os seres humanos se encontraram para se organizar. Seja na família, na comunidade e na vida social.
3. Diretamente e indiretamente. Criticam, falam mal das lideranças mais não querem assumir.
4. Vitória, superação, orgulho de saber que pessoas do Assentamento estão saindo para fora, lutando pelo um futuro digno.
5. Passa muitos conflitos. A realidade que vivemos aqui. Inclusive até o presidente da associação pilantra tem.

6. Sim. Dá para abrir os olhos das pessoas, para que eles podem lutar pelos seus direitos.
7. Tenho vontade de estar ajudando, colaborando com a comunidade, algo produtivo para as pessoas.
8. Sim. Sempre fui. Mais aprendi a fazer críticas mais construtivas. Pensar mais no que ta falando.
9. Acho que não tem formado. Os alunos daqui já são bem críticos. A escola busca manter um certo controle sobre eles. Mais a direção.
10. Alguns sim. Mais nem todos. O único jovem que venho foi eu.
11. Só participa naquilo que é obrigação deles. Na reunião de pais.
12. Acho que não acredita mais não. Só quer saber do dinheiro que vem da associação.
13. Para ensaiar. Alguns sem compromisso, distância, figurinos, instrumentos.

**Joyce Mylley Rodriquês de Almeida, 17 anos.**

14. O grupo de teatro é uma cultura. Leva para fora a cultura da comunidade, o que pensamos.
15. Para mim acho besteira, tem muita competição. Quer buscar coisas para o país que através da competitividade não acaba saindo nada.
16. Sim. As pessoas debatem sobre as lideranças do Assentamento, que deveriam fazer assim, ser assim. Os tratores que veio para cá é uma política pública. Um foi para São Francisco.
17. Sensação de alegria, emoção de poder estar junto de quem agente confia. Tem mais liberdade no grupo, poder dar idéia, opinião junto com eles.
18. Falta de água, desmatamento, falta de união para unir idéias e resolver os problemas. Alguns pensam os problemas da peça como não sendo tão sérios. Os que verem seriedade nos conflitos, não expõe a idéia para cooperar.
19. Sim. Tem gerado muita discussão política. Conseguem perceber a enrotação do poder público.
20. Parei de discutir mais com o meu avô.
21. Até de mais. Parei de ter medo de reclamar com a direção da escola.
22. Alguns têm contribuído para serem mais críticos.
23. Não participam. Os alunos só vem para jogar bola.
24. Bem poucos. Inventam que tem coisas para fazer, são desligados.
25. Bem poucos acreditam. Cansou de ouvir as mesmas promessas de sempre.

## 26. Transporte e figurinos.

### **Mércia Teodoro da Silva, 15 anos.**

1. Cultura é dança, pintura, festa, teatro e etc.
2. Política é só mentira, falsidade, os prefeitos não cumpre o que promete só envolve com as pessoas durante a política, depois que ganha esquece das pessoas e do que prometeu, os prefeito não tem palavra.
3. Sim.
4. Eu sinto uma alegria imensa porque a gente ver que está desenvolvendo é uma coisa muito boa de praticar.
5. Sim, porque muitos ficam felizes vendo os filhos desenvolvendo.
6. Sim. Eu vejo que nas peças envolve política pelo o discurso, e outras coisas.
7. Mudou muitas coisas. Acabou minha vergonha, estou com o paladar melhor, fiz amizades novas.
8. Mim vejo mais julgada, mais criticada.
9. Não.
10. É importante participar das reuniões, que todos podem debater e chegar a um acordo melhor.
11. Nem todos.
12. Sim.
13. As dificuldades é transporte, mais união e um pouco mais de atenção( compromisso).

### **Thiago Cursino dos Santos, 17 anos.**

1. Cultura significa cultivo, são práticas, ações sociais.
2. Política é uma ciência de governação de um Estado ou nação.
3. Sim. Em trazer benefícios para o Assentamento.
4. É uma sensação muito boa, saber que as peças está ajudando a conscientizar. Me faz, fico muito feliz e esqueço os problemas.
5. Sim conflitos que é difícil de se resolver.
6. Sim. Participar do grupo teatral e durante as apresentações os discursos políticos são normais, sempre colocando culpa nos políticos por não fazer nada.
7. Mudei bastante porque me ajuda a se enturmar mais com as pessoas.

8. Sim. As peças me ajudou a saber que ninguém é perfeito e as críticas me ajudam sempre melhorar.
- 9.
10. Poucos participam. É importante os jovens participar e o que vão saber os problemas do Assentamento e poder participar deles e dar suas próprias opiniões.
11. Não vi a escola ajudando nós em nada.
12. As dificuldades são os transportes e não temos o apoio da escola.

**Gideão Gomes Pereira, 29 anos.**

1. Todo conhecimento comum que sustenta a vida social de uma sociedade. Por exemplo, comidas típicas, religião, estilo de vida, estilo musica.
2. Toda a ação que cada indivíduo realiza na sociedade em que vive.
3. Sim. Um dos grupos que trabalha política, aborda problemas da comunidade, junto ao MLT que discute uma política socialista de reforma agrária. A escola tem trabalhado a política da ética, do conhecimento, dos valores do indivíduo que contribui para formação de cada pessoa. As religiões presentes na comunidade cada uma com as suas especificidades.
4. Eu sinto algo real que está acontecendo na comunidade Virgilândia. E ao mesmo tempo podemos presenciar os problemas em todo o território nacional, como, o agronegócio, que tem crescido gigantescamente destruindo toda riqueza natural dos biomas encontrados em todas as regiões.
5. Sim. Não tem como assistir a peça “Luta Pela Sobrevivência do Coletivo Arte e Cultura em Movimento e não ser tocado com a situação em que vivemos. Pois além da linguagem teatral trabalha com a áudio-visual, onde as pessoas vêem imagens da abrangência dos problemas da região. E também a peça mostra os problemas que envolvem preconceito contra mulher, poder de posse do latifúndio, agronegócio e a situação governamental da atualidade. E a prova disso tudo é o debate em Fórum após as apresentações, sentem tocados ao ponto de querer atuar.
6. Sim. Sou colaborador do CACM. Participo desde a primeira peça no Chá Literário em 2010. Contribuo especificamente na parte musical e áudio-visual. O grupo tem transmitido em cada apresentação valores políticos que levam as comunidades a perceberem as contradições de cada território. Despertando para formação de jovens e adultos na tomada de consciência.
7. Eu acho que o grupo não veio diretamente fazer mudanças em mim, mas veio somar para fortalecimento de conceitos que estava

estudando na LEdoC, trabalho coletivo, respeitar o indivíduo, ter sensibilidade, ter responsabilidade. Tudo veio fortalecer. No começo muitas pessoas pensaram que era um projetinho, mas ao longo do trabalho isso foi mudando, hoje é referência como um grupo que trabalha com questões políticas, o Coletivo Arte e Cultura em Movimento é reconhecido, não só no Virgilândia mas em outros estados (Bahia, Sergipe, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Ceara, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Distrito Federal, Goiás). Algo que eu acho muito precioso é a amizade, companheirismo, passam a ter algo diferente, carinho especial, trabalho coletivo, tudo isso é muito marcante para mim. E esse é o sucesso do grupo. Se não tivesse isso o grupo poderia estar de outra maneira.

8. Sim. Cada integrante do Coletivo Arte e Cultura em Movimento, no início tinham uma percepção da comunidade. Hoje, após participarem do grupo de teatro onde se trabalha com o teatro político envolvendo problemas reais e com as experiências adquiridas dos debates políticos gerados nos Fóruns de cada apresentação. Pode se notar grandes mudanças na vida de cada jovem do grupo.
9. Uma das políticas pregadas pelo PPP da escola tem como objetivo formar cidadãos críticos, porém percebe-se que na realidade não está sendo bem assim. A escola trabalha de forma padrão, de acordo com o modelo hegemônico, seguindo conceitos de educação bancária. Onde sempre o professor tem o poder de falar e possuir os conhecimentos. No PPP, diz uma função mas, na prática a realidade escolar é outra. E quando tem alunos críticos querem inibir os jovens para que só os docentes e direção continuem com o poder. Há contradições. As escolas pregam o consumo das culturas como, o haloowem, páscoa. Que essa inibição se torna visível na relação entre educadores e educandos do CACM que possuem uma visão mais críticas sobre as contradições internas, políticas, culturais e sociais.
10. Não participam em nenhuma das reuniões, (de pais e da associação da comunidade). Os jovens não vão porque acreditam que não serão ouvidos. Não tem voz. Importante tanto para a formação dos jovens, como para enriquecer as discussões com as idéias deles. Porque através desse envolvimento se torna democrática a forma de coordenar a escola e a comunidade, onde todos possam participarem. Democracia só na palavra. Na prática não.
11. Tem participado muito pouco. Pode se notar que a comunidade está de fora das principais discussões que envolvem a escola, participam só em reuniões de pais. E isso, só alguns.
12. Alguns tem colaborado com a coordenação do Assentamento. Pois, alguns dos assentados não tem vínculo com a luta pela terra.



Portanto, julgam não ser importante a participação nas reuniões da associação e nem no trabalho coletivo.

13. A maior dificuldade é se unir para ensaiar por exemplo, a logística, os membros são de vários Assentamentos se tornando difícil o acesso as reuniões. As famílias tem apoiado o grupo. Faltam equipamentos de áudio-visual, instrumentos musicais, mais tempo para estudo teórico que envolva o teatro político para enriquecer o conhecimento de cada participante.

### **Simone Rodrigues Couto**

1. São os valores, origens, costumes. A fé das pessoas.
2. Pergunta forte. Política é quando luta por seus direitos, busca parceria para atender a sociedade como um todo igualitário. Dar as condições de vida, suporte para que se viva de forma igualitária. Até mesmo no campo.
3. As pessoas questionam. Só que não questionam na origem dos problemas, porque passamos por conflitos, não brigam para entender isso politicamente. Até reconhecem que quando elege um candidato sabe que pode cobrar. Mas não sabem como. Vivem o momento. O cotidiano. Exemplo, o transporte escolar, brigam por ele e resolve minimamente. Deveriam lutar por segurança, estradas. E tentar resolver os problemas e buscar os direitos.
4. Fico muito feliz em ver o grupo apresentar. É uma conquista para a educação. É projeto de vida. Os mais velhos tem outra percepção de vida, criticam, falam com razão. Não falam só por emoção. Todos eles estão pensando no futuro dos jovens. Os jovens que fazem parte do Coletivo ACM, não pensam só em terminar os estudos e irem embora para cidade. É uma proposta diferente de estudos e permanência no campo.
5. Conseguem verem os conflitos. E as pessoas conseguem ver e discutir politicamente entendendo a origem dos problemas na peça.
6. Com certeza. Tem gerado muita discussão política quando vamos apresentar fora do Assentamento. Com o Coletivo Arte e Cultura em Movimento tem gerado discussão política de saberem os conflitos, os papéis que eles devem ocupar. Ainda não conseguimos gerar na comunidade. Com os pais só percebem a importância da participação dos filhos. Mesmo os jovens do grupo teatral tendo essas percepções críticas só terá feito toda a diferença quando eles atuarem na associação

do Assentamento, criar os projetos para ter recursos para eles sobreviverem. Isso será a algum tempo.

7. Nossa! Não foi só na minha vida. Na minha família também. Eles se envolveram de cabeça. No começo da LEdoC foi aceitando. Quando o curso, o teatro foi indo para dentro de casa, minha família foi vendo a academia como algo que ensina valores. Contribui não só com o econômico. Mais com projetos de vida, ampliação de perspectivas. Me sinto mãe do grupo, por causa da confiança da comunidade que percebem que não é só um trabalho da academia. Tem um viés de reconhecimento. Algo que tem me ajudado no econômico e social.
8. Com certeza. Hoje sou uma pessoa mais crítica. Mais uma crítica que aprendi a ser mais tolerante com o jeito das pessoas serem . Entendo a convivência, as formas que elas estão submetidas, a negação das coisas; e quando chegam são minimamente. Abriu muito a minha percepção. A forma de governo da sociedade é hierárquico. Só conhece uma pessoa quando damos poder a ela. Nesse modelo de sociedade, muitos não participam. E quando falam é a forma agressiva que encontram para expor os problemas que vivem, mas geralmente isso ocorre de forma individual.
9. A escola acho que está muito aquém. Vejo como uma escola muito conteudista. Alguns professores até tentam ser dinâmicos. Alguns agem de forma discriminatória. Mesmo com todas essas formas, escola também pede socorro. Os projetos que vem do governo só está servindo para engessar ainda mais a educação . Estamos tentando superar. Quem sabe no futuro.
10. Agora a escola deu início para que os alunos participem dos conselhos, dos trabalhos coletivos. É importante ouvir eles e a escola propor o que eles reivindicam. Começou um diálogo entre gestão docente e os discentes.
11. A comunidade é sempre convidada para assistir o que a escola propõe. Mas como protagonista de opiniões ainda está falho. A comunidade tem muito mais a contribuir do que só vim prestigiar. A escola nega essa contribuição e é muito detentora do conhecimento. E o pior, chamam isso de gestão democrática .
12. A comunidade não acredita mais na associação e não assume a responsabilidade para si. Não espera que o presidente leve as demandas deles. Só esperam por ele. Mas não propõe nada para a direção. O líder fica passivo porque ninguém cobra. Ficam esperando por ele buscar, que só os dirigentes

tem a obrigação de trazer os recursos para todos. Não reúnem para discutir juntos o que querem.

13. As dificuldades do Coletivo Arte e Cultura em Movimento, são difundir isso como cultura mesmo. A cultura ainda está muito aquém na comunidade. A maioria olha para o grupo como cultura de passar tempo, diversão. Uma demanda para romper com essa barreira de impor uma percepção de ver o grupo como cultura política da comunidade. Não sei se será eu, mas o grupo que pode romper com isso. Primeiramente explicar o que é cultura, porque no Assentamento temos várias culturas como, músicos, poetas. Explicar fazendo um projeto de sociedade. O grupo teatral trás uma grande responsabilidade consigo, buscar esse espaço cultural onde todas as artes estão envolvidas.

**Francismêr Luciana da Silva, 25 anos. Professora de português no Colégio Estadual.**

1. Devia ser uma democracia. Não é porque não vai o voto de todos.
2. É ampla. É tudo aquilo que valoriza a pessoa, a comunidade. Embora seja necessária, não é predominante porque essa cultura é algo que vai mudando. Uns vai e outros vem e trazem consigo outras culturas
3. Não
4. Eu fico boba. Meu olho brilha. É um trabalho coletivo, não é o trabalho de uma pessoa .
5. Eu acredito que eles percebem claramente as contradições. Eu acredito que vêm de forma até mais clara do que se fosse em um texto dissertativo.
6. Não faço parte do grupo. Mas ao ver as peças os conflitos ficam evidentes.
7. Eu fiquei mais feliz porque os alunos que participam do Coletivo ACM houve uma melhora significativa na escrita deles. Percebo essa diferença não só na escrita mas, também na oralidade, na arte de saber ouvir. Percebo que eles próprios se preocupam no modo de conjugar e pronunciar corretamente as palavras
8. Ver os jovens mais críticos? Com certeza.
9. Eu tenho visto sim que a escola tem formado alunos mais críticos. O fato de não ter a rotação de professores acredito que contribuiu para isso. Também a escola tem criado projeto que vissem

cidadãos críticos e conscientes. Inclusive o teatro surgiu no projeto do Chá Literário em 2010.

10. Sim. Para mim os alunos participam ativamente. Inclusive teve conselho de classe e vieram certinho.
11. Me doe dizer que a comunidade não tem participado da escola. Mas, é a realidade. Vem bem pouquinho.
12. Pelo o pouco que conheço, acho que não acreditam mais na associação. Os pais deviam unir a essas lideranças para colocar a cobertura da quadra escolar, por exemplo. Os alunos ficam jogando no sol. Nós ficamos com medo deles passarem mal.
13. Figurino, dentre outras. Mas vale ressaltar, a falta de transporte para os jovens virem aos ensaios.
14. Qual é a importância das disciplinas de arte na escola? Deve aumentar a carga horária?

Eu acho importante. A quantidade é boa. Mas se aumentar o conteúdo deve ser ministrado de forma interdisciplinar (português, matemática). Não dá para separar por exemplo, se for falar do surgimento da arte, a história vai andar junto com arte.

**Mariza Marques de Araújo, coordenadora no turno vespertino.**

1. Respeito e preservação das raízes e da cultura alheia.
2. Deveria ser uma forma de exercer cidadania. No entanto, só está servindo para obter lucro próprio.
3. Acho que não. Porque não temos uma liderança.
4. Orgulho.
5. Sim. Aparece a questão ambiental, o que o grupo passa melhor para o público perceber, e também aparece a consciência política.
7. Não estou inserida no grupo. Mas vejo mudanças em relação a coletividade deles. Estão mais participativos nas atividades propostas pela escola.
9. Tentamos formar alunos críticos. Mas não são todos os educadores que são preparados para a formação crítica dos alunos. Mas os docentes e a escola melhorou bastante. A escola tem falado muito sobre questões ambientais e culturais. Não envolvemos muito com a política por causa da repressão.
10. Tem pouca participação. Só três alunos foram convidados para o conselho. Esses foram. Da comunidade não são envolvidos.
11. Poucos da comunidade participam da escola.
12. Qual? Estamos á deriva.
13. Figurinos e transporte.
14. Qual é a importância das disciplinas de arte na escola? Deve aumentar a carga horária?

Teria que ser em tempo integral. Porque é tão importante quanto as outras disciplinas e contribuiria em outras matérias também.

### **Francisco Cursino, pai e estudante no colégio.**

1. Para mim é algo que representa um povo, nação, tribo ou língua.
2. É o caminho para todas as soluções. Para tudo. Sem política nada realiza. Às vezes tem um grupo que pensa que não é política mas, é. Pensam que deve ser alguém mais capacitado.
3. Sim. Por exemplo, reivindicam a respeito das necessidades da escola e do Assentamento.
4. Eu fico satisfeito. Porque eu to vendo o entusiasmo dele e está bem envolvido.
5. Sim. Vêem os conflitos como, o mal uso das águas do Assentamento, os desmatamentos, degradação do meio ambiente e o uso de agrotóxicos.
6. Sim. Não digo método. Mas o descaso em que vivemos, o abandono com a zona rural nos faz ficar mais críticos.
7. Ele conseguiu ficar mais entrosado, teve bom rendimento na escola. Ele sempre foi entrosado em grupo de igreja mas, nesse ajudou muito a melhorar o comportamento. Hoje meu filho recebe muito elogio, está gostando das aulas. Na última escola chegou até a reprovar.
8. Ajuda a expor suas opiniões, viver o personagem.
9. Um pouco.
10. Seria importante a participação dos jovens. Tem e é importante participar.
11. As coisas se resolvem porque os pais tem muita força nisso. Nunca tinha visto os pais falar sobre o transporte escolar no ministério público.
12. Acreditado não. Estão desanimados. A associação nova que surgiu tem participado muito.
13. Precisam também de repertórios de peças sobre outros temas, figurinos, peças mais cômicas, uso adereços como, perucas e máscaras.
14. O que é preciso ter para melhorar o Assentamento?

Uma associação regulada que resolve os problemas daqui. Surgiu outra associação, tem que ter união.

## **Lucinete do Carmo de Paula Rocha.**

1- Cultura é a maneira de como as pessoas se comportam e expressam suas crenças adquirida ou transmitidas pela sociedade. Na verdade o conceito de cultura é bem complexo

2- Política pode ser o modo de como as pessoas se relacionam na sociedade para conduzir algo, como as praticas vividas no estado e na sociedade. E também a maneira de como as pessoas se posicionam diante dos acontecimentos.

3- As pessoas da comunidade participam da política parcialmente, as vezes identificam algo que os incomoda, muitas vezes critica, mas nem sempre agi diante do acontecimento, simplesmente espera por alguém que o vai representar .Ou seja não age de forma politicamente correta, se posicionando e criando novas formas de trabalhar.

4- A s peças apresentadas pelo CACM, nos trás a possibilidade de enxergar como a situação da política brasileira está decadente, pois acontece muita desigualdade e nunca há uma política que resolva os problemas da classe trabalhadora. Ao assistir as peças do grupo percebo que diante de tantos problemas e injustiças sociais os jovens do campo estão se posicionando politicamente diante das situações que vivem atualmente. E tentam de uma maneira ou de outra chamar atenção da sociedade para os problemas que passam despercebidos, vistos como sem soluções.

5- Através das peças as pessoas conseguem perceber que há problemas não só no nosso Assentamento como em todos os outros assentamentos da região e do Brasil, pois as realidades são idênticas quando se trata de Reforma Agrária. Isso vem sendo comprovado nos relatos de debates nos fóruns das apresentações principalmente nos encontros de movimentos sociais em que o grupo apresenta as peças. Os principais problemas identificados são: a corrupção das pessoas, o individualismo, a falta d'água, a dominação do grande produtor pelo pequeno, o crescimento do agronegócio que não ajuda o desenvolvimento dos pequenos produtores, o comodismo das pessoas, a espera da democracia representativa, etc.

6- Eu faço parte do CACM desde quando se consolidou como grupo, e começou a atuar na região. O que consigo perceber é que em cada apresentação o grupo consegue atuar politicamente ao levantar os problemas e despertar nos espectadores a ação. Vejo isso como um ponto positivo na comunidade, mesmo sabendo que é uma tarefa difícil essa movimentação da consciência nas pessoas. As discussões políticas geradas nos debates não afetam somente os políticos em si, mas as pessoas que vivem os problemas e aos poucos vão se politizando de acordo com o envolvimento e grau de consciência que vão conseguindo levantar.

7- O meu envolvimento no grupo tem mudado muito a minha pessoa. Na vida cotidiana conseguir mudar a forma de pensar e agir com as pessoas, aprendi a lidar com as diferenças, ser mais compreensiva, solidária e me posicionar quando preciso for, além de conseguir me expor sem timidez. Aprendi a não aceitar qualquer imposição que poderá me prejudicar e muito além disso consigo ser uma pessoa mais envolvida nas questões da sociedade. No papel de coordenadora adquirir mais responsabilidade e consigo me relacionar muito bem com os jovens da escola

entendendo suas angústias e os medos. Isso tem refletido muito na minha atuação com a minha família em casa também.

8- Após o meu envolvimento com o grupo consigo me ver uma pessoa mais crítica e politizada ao tomar consciência dos acontecimentos e das injustiças e tentar juntamente com o grupo levantar as questões para a sociedade na tentativa de fazer com que todos se juntem para lutar. Passei a perceber que individualmente não podemos conseguir chegar a mudanças.

9-O trabalho da escola com a formação dos alunos, não tem contribuído muito com a formação crítica dos alunos pois, percebo que apesar do esforço, as metodologias usadas ainda são de educação bancária em muitos casos.

10- Os jovens ainda não conseguem participar ativamente das reuniões da escola e da comunidade na associação, no momento eles estão se descobrindo como construtores da própria história e estão se inserindo nesse processo aos poucos.

11-Raramente a comunidade participa da escola. São poucos os pais que se interessam em atuar na escola junto com os filhos.

12-Infelizmente os moradores do Assentamento não tem acreditado em suas lideranças pois, consideram que o lugar não tem mais solução e geralmente todas as coisas que são levadas para o local consideram que não vai dar certo .A confiança é muito pouca nas lideranças. E preferem esperar do que atuar junto com os líderes.

13-No inicio as dificuldades do grupo eram de deslocamento para as reuniões e os locais de apresentação. Agora depois do grupo se consolidar ,e ter realizado muitas apresentações em diversos locais um dos maiores desafios do grupo é conseguir apoio cultural, e financeiro, também enfrenta dificuldades na formação pois ver a necessidade de ampliar os estudos sobre teatro e política, também tem enfrentado dificuldades com a responsabilidade dos jovens que estão agora inseridos em outros projetos, pessoas novas vão se inserindo e há uma necessidade de encontros constantes isso não vem sendo possível nos últimos dias de existência do grupo.

15- Percebo que os alunos tem mudado. Na maneira de como se ver enquanto assentados ou trabalhadores estão mais críticos, e conseguem se envolver na sociedade como jovens que causam algo na sociedade. Estão mais críticos na leitura da realidade e dos problemas que observam. Sabem se posicionar e dar suas opiniões. Aprenderam a aceitar críticas e ficaram mais interessados pelos estudos



**Júlia Paz Moreira da Paz, mãe.**

1. Todas as manifestações.
2. Através do grupo tem ajudado outros a buscarem a cultura.
3. Tem discutido através do Coletivo.
4. Sinto muito feliz e orgulho em ter minha filha participando. Aprovo o projeto e gosto muito.
5. Sim. Aparece vários conflitos como, a cana-de-açúcar, venenos.
6. Sim. As pessoas entendem que precisam discutir para pensar melhoras.
7. Achei que desenvolveu muito, participa das coisas. Gosto que participa.
8. Sim. Entendo as contradições como, a do poder público. Sinto agente precisa realmente buscar.
9. Tem. A escola tem puxado eles para ficar aqui.
10. Não. Os jovens não participam das reuniões de associação nem da escola.
11. Bem poucos. Isso só em reunião de pais. Em outros projetos raro alguns vim.
12. Não tem buscado. A ponte que vai para o João Moreira mesmo, está pronta mas, o ônibus não quer passar por lá. Dizem que precisa fazer abaixo-assinado.
13. Problema do Coletivo chegar tarde em casa depois das apresentações devido problemas de atraso de transporte. Só fica tranqüila quando ela chega.
14. O que é preciso ter para melhorar o Assentamento?  
Faltam muitas coisas. Uma pessoa para saber administrar, gostaria que tivesse um curso e emprego melhor para meus filhos.

## **AGRICULTURA FAMILIAR APAGADA PELA FORÇA DO AGRONEGÓCIO**

**A agricultura familiar tem o objetivo de cultivar a terra a partir do trabalho de pequenos proprietários rurais. Gera mais de 80% da ocupação no setor rural, no Brasil responde por sete de cada dez empregos no campo e por cerca de 40% da produção agrícola. Ainda assim, a agricultura familiar não tem sido reconhecida como prioridade para os governos, as poucas conquistas favoráveis que temos são resultados das reivindicações das organizações de trabalhadores rurais e da pressão dos movimentos sociais organizados.**



**O avanço do agronegócio tem prejudicado os pequenos produtores, esse jeito de produzir só sustenta os grandes proprietários de terras, sendo responsável por mais de 30% das exportações brasileiras, favorece o desemprego, a monocultura, e a depredação da natureza.**

**Na cidade de Formosa (GO) o agronegócio é a atividade predominante e valorizada, no as sentamento Virgilândia não muito diferente de outros assentamentos da Reforma agrária, somos mais de 200 famílias tentando sobreviver da pequena produção com capacidade de oferecer alimentos de boa qualidade para a sociedade, porém vivemos sem atenção do poder público, obrigados a conviver com as grandes plantações de canaviais em torno do assentamento, sujeitos a falta de água, queimadas, agrotóxicos e sobretudo à merce do comércio terceirizado. Contudo, o mais revoltante é saber que somos exemplos da desigualdade entre as classes brasileiras.**



**Licenciatura em educação do campo - UNB**

**Fontes: jornal corcôio brasileiro, IBGE - pesquisa agrícolas municipal (PAM), censo agropecuário e conab**

Banner produzido pelas educandas da turma 03 e 04 para a disciplina de CEBP, é usado como cenário nas apresentações.



Fonte: acervo do Coletivo, apresentação realizada no seminário Conexões 2 Campo e Cidade, FUP/ UnB, nos dias 03 e 04/10/2012

Fonte:acervo do Coletivo- seminário, nos dias 03 e 04/10/2012 na FUP/UnB



Fonte: acervo do Coletivo- seminário, nos dias 03 e 04/10/2012 na FUP/UnB



Fonte: acervo do Coletivo. Mesmo seminário.



Fonte: acervo do Coletivo. Mesmo seminário.



Fonte: acervo do Coletivo. Mesmo evento. A quinta pessoa da direita para a esquerda é a Cecília Boal.



Fonte: acervo do Coletivo.



Fonte: blog do Terra em Cena. Apresentação do Coletivo Arte e Cultura em Movimento na Semana Camponesa, realizada na escola, CE do PAD\ DF, Plano de Assentamento Dirigido do DF, em Planaltina. Nos dias 14 e 15 de março de 2013.



Fonte: blog do Terra em Cena. Apresentação Na Semana Camponesa. Fonte: acervo do Coletivo, apresentação no sexto Encontro de Educação e Marxismo (EBEM), em Goiânia, dia 28/08/2013.



Fonte: acervo do Coletivo, apresentação no sexto EBEM, em Goiânia.



Fonte: acervo do Coletivo, apresentação no segundo Congresso do Movimento de Luta pela Terra (MLT), realizado em Formosa-Go no dia 09/09/2013.